

noesis

Revista trimestral | n.º 84 | € 3,00 (Isento de IVA)

Dossier
Brincar, jogar
e aprender

Destacável
A Lei das Leis
Vista por Marcelo Rebelo de Sousa



 Ministério da
Educação

dgidc
Direção-Geral de Inovação
e do Desenvolvimento Curricular

EDIÇÕES DA DGIDC

Manual de Primeiros Socorros



**Situações de urgência
nas escolas,
jardins de infância
e campos de férias**

O Manual de Primeiros Socorros – Situações de Urgência nas Escolas, Jardins de Infância e Campos de Férias, destina-se a apoiar a Escola nos cuidados a ter em situações de emergência, das mais comuns às mais complexas, que podem ocorrer no seu dia a dia. Neste manual professores, pais e alunos têm à sua disposição informação rigorosa, rápida e eficaz sobre 25 situações de emergência, o que devem fazer e o que não devem fazer, para que estejam preparados até à chegada do auxílio médico.

Encomendas *online*

<http://area.dgidc.min-edu.pt/noesis>

Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular
Espaço NOESIS - Av. 24 de Julho, 140 C - 1399-025 Lisboa
Tel. 21 393 46 72 Fax. 21 393 46 77

Ficha Técnica

Directora
Maria Emília Brederode Santos

Editora
Teresa Fonseca

Produtor
Rui Seguro

Redacção
Elsa de Barros, Helena Skapinakis

Secretariado de redacção
Carla Delfino

Colaboradores permanentes
Teresa Gaspar

Colaboram neste número
Abel Arez, Alexandra Pimenta, Andrea Félix,
Cartoonista António, Cláudia Minderico, Cristina
Martinho, Cristina Ponte, Francisco Pontes, Grupo
de Teatro Amador de Briteiros, Isabel Batista, José
Adelino Figueira Guerra, Margarida Gaspar de Matos,
Maria João Magalhães, Nuno Vicente, Paulo Alves,
Paulo Moura, Paulo Vieira, Rui Canário, Zélia Nunes

Revisão
Edições Pluma

Fotografia
Pedro Aperta, Jorge Padeiro

Ilustrações e capa
João Fazenda

Destacável
Marcelo Rebelo de Sousa

Projecto gráfico
Entusiasmo Media/White Rabbit

Paginação
Atelier Gráficos à Lapa
Rua S. Domingos à Lapa, n.º 6
1200-835 Lisboa

Impressão
Editorial do Ministério da Educação
Estrada de Mem Martins, n.º 4 – S. Carlos
Apartado 113 – 2726-901 Mem Martins

Distribuição
CTT – Correios
Rua de São José, n.º 10
1166-001 LISBOA

Tiragem
12 000

Periodicidade
Trimestral

Depósito legal
N.º 41105/90

ISSN
0871-6714

Propriedade
Direcção-Geral de Inovação
e de Desenvolvimento Curricular
Av. 24 de Julho, n.º 140
1399-025 Lisboa

Preço
€ 3 (Isento de IVA)

Isento de registo ao abrigo do Decreto
Regulamentar 8/99 de 9/6 antigo 12.º, n.º 1B

As opiniões expressas nesta publicação
são da responsabilidade dos autores e não
reflectem necessariamente a orientação
do Ministério da Educação.

Revista Noesis

Redacção
Av. 5 de Outubro n.º 107 – 8.º
1069-018 Lisboa
Telefone 217 811 666
Fax 217 811 863
revistanoesis@sg.min-edu.pt

05 Editorial

BRINCAR, JOGAR, APRENDER

E...

DAS REGRAS ÀS LEIS E À CONSTITUIÇÃO !

Maria Emília Brederode Santos

06 Notícias... entre nós

09 Notícias... além fronteiras



10 Diário de uma psicóloga em contexto escolar

Maria João Magalhães

Psicóloga do Agrupamento de Escolas Fernando Pessoa,

Maria João Magalhães dá-nos conta do seu corre-corre

quotidiano. Mostra-nos a diversidade de actividades com

que se confronta uma psicóloga em contexto escolar.

14 Lá fora

Juventude em Movimento

– uma iniciativa da União Europeia

Teresa Gaspar

A Comissão Europeia lançou, no final de 2010, a iniciativa Juventude em Movimento (Youth on the Move), que visa ajudar os jovens a adquirir conhecimentos, competências e experiência que lhes serão úteis para encontrar o seu primeiro emprego.



16 Entrevista a Joana Seguro

Castelos nas nuvens... com os pés na terra

Maria Emília Brederode Santos e Elsa de Barros

Não colocar limites ao que se queira fazer, mas planeá-lo bem é a forma de Joana Seguro encarar a vida. Produtora independente, desmultiplica-se em projectos na área da música, concretizados maioritariamente em Inglaterra, onde vive há 15 anos.

22 Dossier

Brincar, jogar e aprender!

Neste *dossier* reflecte-se sobre a importância da actividade física e desportiva no desenvolvimento das crianças e dos jovens e mostra-se como as escolas respondem a este desafio nacional e europeu.



50 Reflexão e acção

Movimento de Reforma Educativa Global e Mudança Educativa Nacional

Pasi Sahlberg

Para se prepararem para uma sociedade de conhecimento competitiva e inovadora, as escolas e os alunos têm de competir menos. É este o profundo paradoxo apresentado na comunicação de Pasi Sahlberg na Conferência da Rede Europeia de Conselhos de Educação (EUNEC), em Dezembro de 2010.



58 Meios e materiais



62 Visita de estudo

Ver, fazer e aprender

Teresa Fonseca

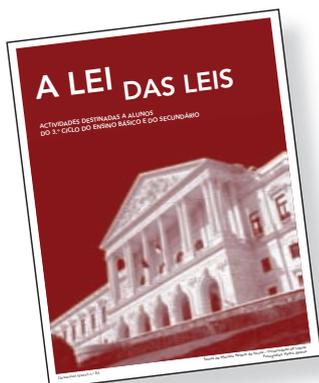
No Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva, em Lisboa, está patente a exposição “Sexo... e então?”. Aqui os alunos vão descobrir aquela resposta por que tanto ansiavam e ficar com uma percepção positiva do amor e da sexualidade.

66 Com olhos de ver

O *cartoon* e a caricatura

António (cartoonista)

“Ler” um *cartoon* – sátira à vida que, a sorrir, traz a lume questões sérias – é a proposta desta rubrica.



Destacável

A Lei das Leis

Marcelo Rebelo de Sousa

Celebrando os aniversários das Constituições de 1911 e 1976, propõem-se actividades destinadas preferencialmente a alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do secundário.

BRINCAR, JOGAR, APRENDER

E...

DAS REGRAS ÀS LEIS E À CONSTITUIÇÃO !

– Qual clássicos! O primeiro dever do homem é viver.

E para isso é necessário ser são...

EÇA DE QUEIROZ¹

É bem conhecida esta defesa de Eça da “educação inglesa” que o avô Afonso proporciona a Carlos da Maia, à base do desporto, da actividade física e experimental, por oposição à “educação portuguesa” de então, obsoleta e triste, do pobre Eusebiozinho.

“Ser são” é ainda hoje o principal objectivo explícito das actividades de educação física e desportivas na escola. Os hábitos sedentários e a chamada epidemia de obesidade vieram reforçar este objectivo. Mas outros surgiram entretanto, designadamente de desenvolvimento social (e, através deste, de desenvolvimento afectivo e cognitivo), tornando mais ultrapassada² a oposição corpo-alma com que Eça termina a sua defesa do desporto e da actividade física.

De facto, são hoje bem reconhecidos e defendidos, em Portugal como internacionalmente, outros benefícios da actividades física e desportiva, como o seu papel na integração social dos jovens³ ou no desenvolvimento de competências sociais através de jogos de colaboração e de competição que exigem o ser capaz de se colocar no lugar do outro, antecipar as suas reacções, coordenar esforços e orientá-los para um objectivo comum.

O desporto, como jogo organizado, para ser educativo tem de ter em conta estes objectivos e ainda o compreender, cumprir e mesmo, se necessário, modificar as regras de jogo, criando novas regras e respondendo a desafios educativos específicos. Assim se têm desenvolvido nas últimas décadas jogos como o boccia (adequado a pessoas com deficiência motora) ou o corfebol (que obriga a equipas mistas de rapazes e raparigas).

O que nos remete para outro tema importante deste número da Noesis: o destacável inicia a publicação de uma série de materiais dedicados à Educação para a Cidadania, em especial à Constituição da República Portuguesa, como lei fundamental (a lei das leis, a regra máxima que regula a vida numa sociedade politicamente organizada). Desta vez, trata-se de – com um contributo, que muito agradecemos, de Marcelo Rebelo de Sousa, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e conhecido constitucionalista, político e comentador – celebrar o centenário da Constituição de 1911 e o 35.º aniversário da Constituição de 1976, através de uma análise comparativa e de actividades orientadas para alunos do final do 3.º ciclo e início do secundário. Com a publicação destes materiais espera a Noesis ir contribuindo para uma Educação para a Cidadania activa, responsável e democrática.

Maria Emília Brederode Santos

¹ Eça de Queiroz, *Os Maias*, 12.ª ed., Porto, Livraria Lello e Irmão Editores, 1936, p. 81.

² Como amplamente defendido pelo filósofo do desporto Manuel Sérgio, por exemplo in *Filosofia do Futebol*, Ed. Prime Books, 2010.

³ Inclusive dos jovens com determinada necessidade educativa especial – ver, por exemplo, Miguel Ferreira, “A criança surda e o desporto” in Maria Bispo, André Couto, M.ª Céu Clara, Luis Clara, *O Gesto e a Palavra 2*, Ed. Caminho, 2009.



PISA 2009: NOTA ALTA PARA PROFESSORES PORTUGUESES



Os estudos extensivos realizados pela OCDE têm colocado Portugal numa posição pouco confortável, com repercussões directas no modo como é visto e avaliado o trabalho dos professores. Estes têm sido, injustamente, apontados como os "culpados" da situação.

Os dados mais recentes indicam uma inversão de tendência que coloca o nível de desempenho dos alunos portugueses na média dos países da OCDE. Uma boa notícia, cuja repercussão mediática deixou na sombra informações importantes. O relatório do PISA 2009 evidencia que, do ponto de vista dos alunos, a sua relação com os professores aparece como a mais pontuada no conjunto dos países abrangidos. A associação entre a boa relação professor-aluno e o nível de desempenho dos alunos torna-se mais evidente quando são tidos em conta os factores sociais que caracterizam populações escolares em situação de desvantagem. Os resultados agora divulgados constituem um estímulo para os que acreditam que o reforço do profissionalismo docente e a autonomia das escolas são variáveis decisivas para que cada escola se possa instituir como um ambiente favorável à realização de aprendizagens pertinentes e socialmente significativas. ::

Rui Canário
Instituto da Educação da Universidade de Lisboa



OS INSECTOS ESTÃO DE VOLTA!

Reabriu no Museu Nacional de História Natural a exposição Insectos em Ordem.

Organizada como um jogo, é uma boa forma de aprender brincando. Cada visitante recebe no início um insecto embalsamado.

Grandes, pequenos, com ou sem asas, há para todos os gostos. Respondendo a diversas questões que vão sendo colocadas, descobre-se a que ordem pertence o insecto.

Do livro de visitas da exposição ficam alguns testemunhos: "É uma boa ideia fazer um labirinto para descobrirmos muitas coisas. O jogo é fixe"; "Graças à exposição sei mais mil coisas sobre insectos. Acho que quando crescer quero ser bióloga de insectos"; "Se isto fosse uma visita de estudo, então estaria a delirar"; "Esta exposição é criativa e não é chata. Por mim ficava cá o dia todo". ::

Marcações através dos telefones 213921824 / 25
ou do *mail* geral@museus.ul.pt

PROJECTO PARA A MELHORIA DO DESEMPENHO DOS ALUNOS

O Projecto para a Melhoria do Desempenho dos Alunos (PROMED) é uma iniciativa do Gabinete de Avaliação Educacional (GAVE) que pretende incentivar a utilização dos resultados da avaliação externa dos alunos para a melhoria das suas aprendizagens.

O objectivo é reconhecer e divulgar práticas de ensino ou dinâmicas de funcionamento das estruturas orgânicas da escola que decorram da análise dos resultados dos exames nacionais, provas de aferição e testes intermédios.

As práticas distinguidas, depois de certificadas com o selo de qualidade PROMED, são apresentadas numa plataforma de divulgação que contém uma área PROMED. Esta plataforma inclui comunidades de prática fundadas por estabelecimentos de ensino com selo de qualidade e uma incubadora de ideias onde as escolas podem encontrar apoio especializado para desenvolver práticas, numa bolsa de peritos.

Mais informações sobre este projecto estão disponíveis na página na Internet do GAVE (<http://www.gave.min-edu.pt>) – área reservada às escolas. ::

Gabinete de Avaliação Educacional

CAFÉ E LIVROS NAS FREGUESIAS DA CHAMUSCA

Os serões "Café e livros – a importância da leitura no sucesso dos nossos filhos" irão decorrer em diferentes freguesias do concelho da Chamusca ao longo deste ano lectivo. Esta actividade é da iniciativa do projecto Crescer aLeR+, que nasceu em 2009/2010, quando o Agrupamento de Escolas e Jardins-de-Infância do Concelho da Chamusca passou a ser uma escola aLeR+. Estes serões, que acontecem ao sábado à noite, pretendem despertar os pais para vários aspectos, entre os quais o facto de as crianças que ouvem ler em voz alta e conversam sobre livros se interessarem pela escola e gostarem de aprender. A equipa responsável pelo projecto, com a colaboração dos presidentes de juntas de freguesia, das educadoras e das professoras do 1.º ciclo, dinamiza estes momentos de partilha à volta dos livros, contribuindo para uma efectiva descentralização ao nível do concelho. ::

Cristina Martinho
Agrupamento de Escolas da Chamusca

crescer a ler +



MAIORIA DOS JOVENS PORTUGUESES TEM ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL

A maioria dos jovens portugueses toma o pequeno-almoço todos os dias, não faz dieta, não fuma, nem consome bebidas destiladas. São estes alguns dos resultados preliminares do estudo sobre estilos de vida dos adolescentes portugueses realizado pelo Aventura Social, da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

No âmbito deste estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde, realizado de quatro em quatro anos, em 44 países, foram inquiridos 5050 alunos dos 6.º, 8.º e 10.º anos, das várias regiões de Portugal, entre os 10 e os 21 anos. Os resultados do estudo permitem ainda concluir que cerca de metade dos jovens pratica actividade física pelo menos três vezes por semana e que a maioria não se envolveu em lutas no ano anterior, nem foi provocado na escola nos últimos dois meses. Em relação aos comportamentos sexuais, a maior parte dos alunos do 8.º e do 10.º ano nunca teve relações sexuais. Entre aqueles que tiveram, a maioria usou preservativo e refere não ter relações sexuais associadas a consumo de álcool ou drogas.

De acordo com estes resultados, a equipa responsável pelo estudo salienta a “tendência consistente de estilos de vida saudáveis”, considerando que estes são “provavelmente resultantes das medidas continuadas e integradas na cultura escolar”. ::

Mais informações em www.aventurasocial.com.



CRIANÇAS E JOVENS PORTUGUESES USAM EXCESSIVAMENTE A INTERNET?

Os jovens portugueses dos 11 aos 16 anos estão entre os que mais declaram ter sentido bastantes vezes que estavam a fazer um uso excessivo da Internet (49%) – acima da média europeia (30%) – revelam os resultados do inquérito EU Kids Online, realizado em 25 países.

Neste inquérito, Portugal surge como um dos países com menor incidência de riscos *online*. Apenas 7% das crianças e jovens portugueses declarou já se ter deparado com pornografia, *bullying*, mensagens de cariz sexual, contacto com desconhecidos, convites para encontros *offline* com contactos *online*, conteúdos potencialmente nocivos gerados por utilizadores e abuso de dados pessoais. A maioria declarou não ter tido qualquer experiência perturbadora online e sentir-se confortável em actividades na Internet que alguns adultos consideram arriscadas.

O inquérito revelou também que 78% das crianças e jovens portugueses entre nove e 16 anos usam a Internet, acedendo mais frequentemente nos seus quartos (67%) do que noutros lugares da casa (26%). Esta diferença, mais acentuada do que a média europeia, pode conduzir a um uso menos controlado e a uma falta de acompanhamento por parte dos pais, o que pode diminuir a falta de apoio das crianças em caso de haver exposição a alguns riscos *online*. O inquérito veio também mostrar que são as crianças mais novas as que mais expressam desconforto pelas situações de risco que experimentaram. ::

Mais informações em www.fcsh.unl.pt/eukidsonline

Cristina Ponte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

O TEATRO ACONTECE!

O Grupo de Teatro Amador de Briteiros / Escolar (TABE), da Escola EB 2, 3 de Briteiros, em Guimarães, apresentou a suas primeiras obras ao público, na festa de Natal, em duas sessões, uma para os alunos e outra para a comunidade.



O grupo deu-nos conta do trabalho desenvolvido ao longo do primeiro período: “Nem sempre foi fácil, com o tempo a fugir – ensaios semanais de 45 minutos, cerca de trinta actores e equipas de cenários. Todos davam sugestões e o trabalho, passo a passo, foi sendo construído!

Ensaíamos em diversos espaços. Com barulho, risos, tensões, zangas, amuos, alegrias... Os nossos ensaios tiveram de tudo um pouco! Construímos cenários com diversos materiais, nem sempre conseguindo dar forma ao que imaginámos: era o pano que não colava, eram as folhas que desapareciam, mas construímos e embelezámos o nosso espaço. No final, o resultado foi acolhedor.

Finalmente, chegou o dia da actuação. Estávamos prontos para passar ao palco. Para nossa sorte, o público foi atento, cooperante e amigo. Tudo o que os actores podiam esperar. Foi divertido actuar, arrancar risos, palmas, emoções e atenções!”::

Grupo de Teatro Amador de Briteiros/ Escolar (TABE)

DIA MUNDIAL DO BRAILLE

O Núcleo para o Braille e Meios Complementares de Leitura, coordenado pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, comemorou no dia 4 de Janeiro de 2011 o Dia Mundial do Braille com uma sessão pública subordinada à temática O Estado da Arte do Braille em Portugal.

Esta sessão comemorativa teve também como objectivo dar início às comemorações nacionais dos 150 anos do nascimento de Branco Rodrigues, introdutor em Portugal do Braille, recurso crucial para a educação, cultura e inclusão social das pessoas com deficiência visual. ::

Alexandra Pimenta
Directora do Instituto Nacional para a Reabilitação



CONTOS E LENDAS DE ORIGEM ÁRABE

As escolas do ensino básico do Alentejo são convidadas a participar numa iniciativa sobre contos e lendas ou outras tradições de origem árabe relacionadas com a respectiva localidade ou concelho.

Promovida pela Direcção Regional de Cultura do Alentejo, esta iniciativa tem como objectivo assinalar os 1300 anos da presença, da cultura e da herança da civilização muçulmana em território nacional. A partir dos trabalhos apresentados, será elaborada uma pequena publicação destinada às escolas que aderirem a esta iniciativa.

Os trabalhos, efectuados por crianças entre os oito e os 10 anos, podem recorrer à expressão escrita ou plástica. ::

Para mais informações, consultar a página da Direcção Regional de Educação do Alentejo (<http://www.drealentejo.pt/>).

A ARTE COMO FORMA DE CONHECIMENTO

O Programa de Educação Estética e Artística é uma iniciativa do Ministério da Educação que pretende valorizar a arte como forma de conhecimento, envolvendo a comunidade educativa nas diferentes formas artísticas: plástica, música, dança e dramática/teatro.

Desenvolvido em 30 agrupamentos de escolas, este programa abrange 6000 crianças e 400 docentes, tendo sido estabelecida uma parceria com 28 instituições culturais e 16 autarquias.

O reforço da parceria com museus, teatros, academias e outras instituições culturais é um dos objectivos desta iniciativa, que visa igualmente envolver

as crianças, os docentes e as famílias para promover o gosto pela arte.

O programa procura implementar estratégias interactivas e participativas, através de acções que assegurem a articulação curricular e estimulem o desenvolvimento da literacia cultural. ::



CONCURSO COMPREENDER, SABER E INVESTIGAR A QUÍMICA

No âmbito das actividades comemorativas do Ano Internacional da Química 2011, a Universidade de Évora promove o concurso Compreender, Saber e Investigar a Química,

destinado a alunos do ensino secundário.

Este concurso tem como objectivos fomentar o interesse pela química, estimular o espírito de iniciativa, a criatividade e a literacia científica dos alunos, bem como demonstrar a importância central da química na sociedade moderna. Os participantes devem elaborar um trabalho cujo tema central é a química e a sua presença na vida quotidiana. ::

Mais informações em <http://www.iyc2011.uevora.pt/>

TERÇAS A LER

O Teatro A Barraca propõe ao público leituras colectivas de obras da literatura portuguesa do século XX, para recordar ou guardar para sempre na memória, todas as terças-feiras ao fim da tarde (19 horas), ao longo de 2011.

Este projecto foi concebido pela actriz Maria do Céu Guerra e vai realizar-se no espaço do Teatro A Barraca – Cinearte. A primeira terça-feira do mês será dedicada à "Correspondência e outras cartas portuguesas" (de Pessoa, Sena, Cesariny ou Vieira da Silva); a segunda terça-feira do mês, à poesia; a terceira, à ficção (de Raul Brandão a Mário de Carvalho); e a quarta, ao teatro. ::

Com entrada livre, é no entanto necessário reservar lugar, através dos telefones 21 3965360 / 21 3965275, ou do [mail producao@abarraca.com](mailto:producao@abarraca.com).

Para mais informações sobre o programa, consultar <http://www.scribd.com/doc/48566740/Tercas-A-LER>

GARANTIR A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A recomendação do Conselho Nacional de Educação do Brasil, que aconselhava o fim da reprovação de alunos nos três primeiros anos de escolaridade, foi aprovada em Dezembro passado pelo ministro da Educação do Governo cessante de Lula da Silva.

As novas diretrizes curriculares nacionais recomendam agora que os três primeiros anos do ensino fundamental, que constituem o "ciclo da alfabetização e letramento", não possam ser interrompidos. O Conselho Nacional de Educação recomenda que os professores adoptem formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade das crianças nas salas de aula, as levem a explorar mais intensamente as diversas linguagens artísticas e a utilizar materiais desafiadores. Já a avaliação deve assumir um carácter formativo e participativo, ser contínua e diagnóstica.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, o Brasil tem 31 milhões de alunos no ensino fundamental (equivalente ao nosso ensino básico); desses, quase dez milhões estão nos três primeiros anos. Em 2009, a taxa de reprovação no 1.º ano de escolaridade foi de 5%. Estas recomendações têm como objectivo garantir que todas as crianças estejam alfabetizadas até aos oito anos. ::



VERÃO EM NEUCHÂTEL

A nona sessão da European Summer University for Lifelong Learning vai realizar-se na cidade suíça de Neuchâtel entre os dias 29 e 31 de Agosto. Esta iniciativa será organizada pela Foundation of European Regions for Research, Education and Training (FREREF) em associação com a CIIP e a Universidade de Neuchâtel. A sessão será dedicada à formação inicial e contínua ao longo da vida, com especial enfoque nas empresas, consideradas não apenas como "agentes económicos", mas também como factor de coesão social. Considera-se que estas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, no seu curso de vida e na dinâmica que se cria no seu meio ambiente. ::

Para mais informações, consultar <http://www.freref.eu/index.php?page=15>

OS NÚMEROS DA RETENÇÃO

A rede Eurydice publicou o estudo *Grade Retention during Compulsory Education in Europe: Regulations and Statistics*, onde é comparada a forma como diferentes países europeus aplicam a medida da retenção no ensino obrigatório.

Confrontando legislação e práticas adoptadas em 31 países (todos os Estados-membros da UE, Islândia, Liechtenstein, Noruega e Turquia), conclui-se que a retenção varia muito de país para país. O estudo revela que não existe, na prática, uma relação clara



entre a regulamentação relativa a esta medida e as taxas de retenção. Demonstrando-se que depende mais da cultura educacional do país em questão e da apreciação do professor do que do desempenho efectivo do aluno, conclui-se que não basta mudar a regulamentação, mas que é necessário, sim, combater a ideia de que a retenção é benéfica para o aluno. O estudo conclui ainda que: os alunos podem ficar retidos um ano nos países onde a entrada para o ensino primário depende da maturidade e do seu nível de desenvolvimento; a razão que mais frequentemente se apresenta para decidir a retenção é a falta de progresso; na maior parte dos países, a opinião dos professores tem mais peso no processo de decisão da retenção do que a opinião dos encarregados de educação. ::

Estudo disponível em http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/index_en.php

A CRIATIVIDADE APRENDE-SE?

A Learning Teacher's Network vai organizar um curso dedicado à criatividade e aprendizagem em Malta, entre os dias 18 e 22 de Outubro, dirigido a professores, orientadores, directores e conselheiros da área da educação e formação.

Articulando teoria e prática, o curso pretende estimular a criatividade e a inovação nas acções desenvolvidas no próprio curso e nas práticas a desenvolver posteriormente com os alunos. O programa do curso aborda os seguintes módulos: biografia pessoal criativa, conceitos de criatividade, ideias "fora da caixa", estratégias para desenvolver a criatividade com os alunos, descoberta de talentos individuais numa perspectiva de inteligência múltipla, organização de ambientes de aprendizagem criativa.

O curso é abrangido pelo programa Comenius. ::

Para mais informações, consultar <http://www.learningteacher.eu/creativity-and-learning>

Creativity and Learning

Comenius
European Training Course
SE-2011-135-001

Sliema, Malta
18-22 October 2011

Learning Teacher Network
www.learningteacher.eu

Um dia na vida de Maria João Magalhães

Psicóloga do Agrupamento de Escolas Fernando Pessoa, Maria João Magalhães dá-nos conta do seu corre-corre quotidiano para dizer “Presente!” aos três jardins-de-infância, às três escolas de 1.º ciclo e à Escola EB 2,3 que constituem o agrupamento. Mostra-nos a diversidade de actividades com que se confronta uma psicóloga em contexto escolar.

Fotografias de Pedro Aperta

A alvorada...

Toca o despertador... 6.30 do dia 17 de Dezembro de 2010, em Alcochete. Que frio! Toca a levantar. Até sair de casa, as tarefas domésticas e familiares impõem-se, não esquecendo o passeio dos meus dois cães. Faça sol, frio ou chuva, lá estão de orelhas levantadas e rabo a abanar à espera da sua vez.

O tempo escasseia, a hora de saída aproxima-se e a correria continua. Que bem que sabe aquele tempo passado na estrada, a caminho da escola nos Olivais Sul, em Lisboa. É neste pára-arranca que tenho tempo para organizar mentalmente o meu dia.

Ora bem: hoje é dia de festas de Natal e, sendo psicóloga de um agrupamento, tenho convites para várias festas. Passar em todas é, sem dúvida, um belo exercício de gestão de tempo. Só tenho a manhã para o fazer, pois de tarde o programa está muito preenchido: primeiro, reunião do Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) – equipa e avaliador externo; logo a seguir, reunião da turma do 9.º ano do Curso de Educação e Formação (CEF) de Olaria; e para terminar, conselho de turma do 6.º 7.ª, uma turma do Percurso Curricular Alternativo (PCA). Chego assim feliz à escola, porque me parece que consegui organizar o meu dia.

Ao entrar, tudo pode mudar!

São 9 horas. Mal entro na escola, recebo um recado para ir ao gabinete da Direcção. BOM, BOM, o que terá acontecido? É fácil programar o meu dia no caminho e na entrada – ups! – tudo mudar: uma encarregada



de educação à minha espera, um aluno para falar comigo, uma reunião inesperada, um pedido de um colega para conversar com o seu grupo/turma. Enfim, nenhuma monotonia... Mas isto é a vida de uma psicóloga em contexto escolar. Entro no Pavilhão Central. Que movimentação...Ah!!! Hoje é dia de venda de Natal. Ali estão as bancas dos meus meninos da Unidade de Apoio à Educação de Alunos com Multideficiência e da turma CEF de Olaria. Estão todos tão crescidos, tão assumidos e tão orgulhosos dos seus trabalhos! Tenho de parar.



As solicitações, as peças lindas que estes jovens fazem e a tentação de comprar umas prendinhas de Natal arrastam-me para as bancas. Aqui, nestes trabalhos finais, está também representado muito do meu trabalho: horas de apoio individual em gabinete, participação em aulas, reuniões com professores, reuniões com pais, sessões de orientação...

Enquanto espero que façam os embrulhos, vou pensando neste período que está a terminar e concluo que, apesar de muito trabalho estar ainda por fazer – nomeadamente com alguns dos jovens desta turma CEF e com o grupo turma PCA –, os conflitos, as zangas, as desilusões, as surpresas valeram, pois as evoluções e desempenhos são muito satisfatórios. Espero provar isto logo na reunião de avaliação da turma CEF! Apesar de, às vezes, estas reuniões serem emocionalmente arrasantes.

Lugar à reflexão

É nestas alturas, nestes espaços abertos e informais, que percebemos como estes projectos permitem uma evolução positiva das questões do insucesso. A adopção de práticas pedagógicas que melhor se adaptam às motivações dos alunos facilita, sem dúvida, as aprendizagens de grupos com insucesso escolar repetido. Aqui se prova como é importante relacionar os níveis abstractos que algumas aprendizagens assumem com a sua “operacionalização” na vida quotidiana.

Faço, então, um pequeno parêntesis para reflectir sobre esta função, que acho prioritária, do psicólogo em contexto escolar: participar activamente em grupos de trabalho relacionados com projectos que implicam percursos alternativos. Isto é, compete à escola – e a nós, técnicos, que trabalhamos com a escola e para a escola – utilizar pedagogias alternativas que estabeleçam uma maior aproximação entre o que se ensina e as vivências e motivações dos alunos.

Estes projectos criados no Agrupamento – TEIP, CEF e PCA – são, sem dúvida, respostas educativas e formativas. Assentando as práticas pedagógicas em metodologias que favorecem mais a participação dos alunos do que a mera transmissão de conhecimentos, estas tornam-se potencialmente inovadoras e criativas, “entusiasmando” grupos de jovens que constantemente se têm constituído como alunos de insucesso repetido nas actividades escolares.



Passando pela Direcção...

São já 10 horas. Sigo, um pouco atrasada, para o gabinete da Direcção. Nada de muito grave: é necessário marcar uma reunião com uma das colegas da Direcção para trabalharmos nos *dossiers* do Programa Operacional Potencial Humano. Era importante encontrar um tempinho nestes dias de reuniões, mas não vai ser fácil. Tenho de estar presente em vários conselhos de turma, porque a vertente do apoio psicopedagógico a alunos, por um lado, e os alunos de educação especial, por outro, implicam a minha presença em muitas, muitas reuniões!

Lá conseguimos encontrar uma hora, encaixada entre reuniões, almoço de Natal, ginástica e outras coisas mais: segunda-feira 20 de Dezembro, às 15 horas. Veremos se não tem de ser alterada. Mas nada que não se consiga resolver: caso seja necessário, há sempre o dia 23 de Dezembro. Nesse dia já não se realizam conselhos de turma e muitos, muitos professores ainda trabalham.



Agrupamento em festa

Aproximam-se as 10.30. Sigo apressada para as festas de Natal. Ótimo! Os jardins-de-infância juntaram-se ao 1.º ciclo: assim são menos festas!

Lindo, lindo! Mais uma vez a dedicação, o amor e o empenho estão representados nestas actividades. Observo os meus meninos – os que são acompanhados por mim, claro! – integrados, felizes, compenetrados e, muitos deles, com desempenhos excelentes. É sem dúvida nestes espaços que, por vezes, conseguem deixar de ser os “maus”... O que é tão importante para o seu desenvolvimento pessoal e social! E assim, de festa em festa, lá chegou a hora de almoço.

Agora aproveito este tempinho para a minha ginástica. Faz bem ao físico e também à alma. Cansada, mas feliz – este mês tenho conseguido cumprir o horário, não deitei dinheiro fora –, venho para o almoço, aqui no café, perto da escola, onde encontro sempre os colegas e amigos. É sempre um bom momento de descontração, por isso imponho a mim mesma e aos que estão comigo que esta hora não é hora de trabalho.

É hora de avaliar!

Primeiro a reunião do TEIP, às 13.45, para avaliação das acções que estão a decorrer nas várias escolas. Faz-se um balanço bastante positivo deste projecto, que culminou na actividade de Natal, com a presença do coordenador TEIP da Direcção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo, que elogiou o trabalho desenvolvido. Isto dá-nos um grande alento para continuar a ultrapassar os obstáculos quase diários. Afinal não são só os alunos que necessitam de motivação e reforços positivos!

Pelas 15 horas, é a vez da reunião de conselho de turma do 9.º ano do CEF de Olaria. Chego atrasada, já lançam as notas... É uma reunião pacífica, pois este conselho de turma reúne semanalmente, o que se traduz em resolver situações problemáticas no tempo certo, programando também actividades que promovem e potenciam a aprendizagem, a realização e o crescimento pessoal.

São 17 horas. É tempo da reunião da turma do 6.º PCA. Aqui já nada é fácil. A turma é muito heterogénea: alunos com atraso no desenvolvimento cognitivo, hiperactividade, dificuldades de



Quando for grande quero ser...

Objectivo:

Motivar os alunos para as aprendizagens escolares.

Destinatários:

Alunos dos 2.º e 3.º ciclos

Organização:

Trabalho em grupo (dois ou três alunos) para os pontos A e B e trabalho individual para o ponto C.

Desenvolvimento:

A. A partir da lista das disciplinas propor aos grupos que:

- Relacionem cada uma das disciplinas com as suas actividades da vida quotidiana.
- Identifiquem situações embaraçosas ou eventuais problemas decorrentes do seu desconhecimento de alguns conteúdos disciplinares.

B. Após a partilha das conclusões dos grupos, propor-lhes que apresentem num quadro uma síntese relacionando disciplinas / vida quotidiana / actividades profissionais.

C. Propor a cada aluno que:

- Relacione as disciplinas de que gosta e em que tem mais sucesso com actividades profissionais que possa desempenhar no futuro.
- Escolha uma das profissões identificadas no ponto B e defina o percurso de formação necessário para a desempenhar.

Nota:

Esta actividade pode também ser dinamizada pelo professor (director de turma).

concentração, de comunicação e de linguagem; com problemas de comportamento, atitudes desajustadas de instabilidade, desinteresse e agressividade; com atraso no desenvolvimento sócio-afectivo, baixa auto-estima e dificuldades de relacionamento com os outros, absentismo e assiduidade irregular...

Cada aluno é um caso, por isso deve-se reflectir bem na sua avaliação e, se necessário, argumentar na defesa de uma nota positiva. Apesar de os professores serem espectaculares, não é fácil trabalhar com estas turmas e, por vezes, é necessário alertar para as consequências de uma avaliação negativa, mas para isso estou lá eu. Mais um dos papéis do trabalho do psicólogo em contexto escolar. Propus que alguns destes jovens beneficiassem de apoios psicopedagógicos e técnicos pelas psicólogas estagiárias (um plano de trabalho que tenho estado a desenvolver com elas para iniciar no 2.º período). A proposta foi bem aceite pelo grupo de professores, minimizando um pouco a tensão instalada nesta fase do ano.

Olho para o relógio. São 19 horas. Com esta última reunião, bem participada, que correu menos-mal, termino o meu dia de escola. Estou novamente no carro. Agora, espero não apanhar trânsito e chegar rapidamente a casa.

É tempo de fim-de-semana, convívio, momentos com o marido e as filhotas. Volto segunda-feira e, no pára-arranca, programo um outro dia, activo certamente, mas apaixonante também. ::



JUVENTUDE EM MOVIMENTO

Uma iniciativa da União Europeia

A Comissão Europeia lançou, no final de 2010, a iniciativa Juventude em Movimento (Youth on the Move), que visa ajudar os jovens a adquirir conhecimentos, competências e experiência que lhes serão úteis para encontrar o seu primeiro emprego.

Texto de **Teresa Gaspar**
Conselho Nacional de Educação



Anova estratégia da União Europeia (UE) para esta década – tendo presente que cinco milhões de jovens europeus estão actualmente à procura de emprego – procura compatibilizar os programas de educação e formação com as necessidades desta população.

Pretende, também, encorajar um maior número de jovens a beneficiar de bolsas europeias para realizar estudos ou formação noutros países, de modo a melhorar a sua empregabilidade e o acesso ao mercado de trabalho.

O FINANCIAMENTO DA INICIATIVA

Desde há muito que diversos programas da UE têm incentivado a mobilidade dos jovens no espaço europeu e transeuropeu. Os programas Erasmus, Leonardo da Vinci, Comenius e Grundtvig têm promovido o intercâmbio de alunos e formadores no quadro das políticas de educação e formação, a par de programas

para pós-graduação e incentivo à investigação dirigidos a estudantes do ensino superior e investigadores, como são os programas Erasmus Mundus e Tempus e as acções Marie Curie.

Trata-se agora de conjugar estas diversas intervenções dispersas com os objectivos da iniciativa Juventude em Movimento, orientação que deverá presidir à próxima geração de programas europeus de apoio à mobilidade de jovens.

A Comissão Europeia pensa ser possível reunir os apoios necessários ao desenvolvimento das ofertas de formação e de emprego de jovens previstas na iniciativa Juventude em Movimento através da intervenção

do Fundo Social Europeu e da possibilidade de recorrer a outros fundos estruturais e de coesão, nomeadamente o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

Além disso, está também a ser estudada a possibilidade de criar, em colaboração com o Banco Europeu de Investimento, um sistema europeu de bolsas de estudo que complete as modalidades de apoio aos estudantes existentes nos Estados-membros e, desse modo, facilite a realização de estudos no estrangeiro por parte de um maior número de jovens.

Esta iniciativa, que visa preparar o novo quadro comunitário de apoio que se seguirá a 2013, já enuncia uma das linhas essenciais da estratégia europeia para o emprego: alargar as possibilidades de estudos, formações e de mobilidade oferecidas a todos os jovens da Europa, contribuindo para a modernização dos sistemas de educação e formação, bem como para a evolução das políticas a favor da juventude.

No decurso de 2011, a luta contra o desemprego dos jovens e a divulgação das possibilidades de trabalho e formação existentes no espaço europeu serão objecto de largas campanhas de informação. O sítio internet Juventude em Movimento¹ irá centralizar as informações sobre as possibilidades de estudar ou adquirir experiência profissional no estrangeiro, incluindo informação relativa a bolsas atribuídas pela UE.

LINHAS DE ACÇÃO PARA APOIO À EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Juventude em Movimento agrega, num programa-quadro, um conjunto de projectos e recursos financeiros existentes na UE para apoio à educação e formação ao longo da vida, estruturado em quatro grandes linhas de acção:

LINHAS DE ACÇÃO	CONCRETIZAÇÃO DAS LINHAS DE ACÇÃO
Alargar as possibilidades e sustentar as ofertas de estudos e formação existentes para os jovens, favorecendo a aquisição de competências no quadro do ensino não-formal.	<ul style="list-style-type: none"> - As acções de formação profissional em regime de aprendizagem e os estágios que permitam adquirir experiência em meio profissional e que facilitem a entrada no mercado de trabalho serão incentivados; - A Comissão Europeia irá apresentar ao Conselho Europeu duas recomendações: uma sobre a diminuição da taxa de abandono escolar e outra sobre a validação da aprendizagem não-formal e informal.
Aumentar a frequência do ensino superior na Europa e melhorar a capacidade de atracção das instituições, facilitando a mobilidade dos estudantes e investigadores, no sentido de atingir o objectivo definido para 2020 de pelo menos 40% da população activa entre os 30 e 34 anos ser titular de um diploma de ensino superior ou equivalente.	<ul style="list-style-type: none"> - A Comissão Europeia irá apresentar um programa de reformas e de modernização do ensino superior que incluirá uma iniciativa sobre a comparação dos desempenhos das instituições neste nível de ensino.
Rever os programas e iniciativas actualmente existentes na UE sobre mobilidade no ensino, abrindo a possibilidade de até 2020 todos os jovens poderem fazer no estrangeiro uma parte dos seus estudos e formação em meio profissional.	<ul style="list-style-type: none"> - A Comissão Europeia tem em preparação uma recomendação sobre a supressão de obstáculos à mobilidade, a construção de um <i>website</i> onde serão reportadas as ofertas de estudo e de formação existentes na UE, com ligação ao portal Ploteus². - A iniciativa da Rede Europeia para o Emprego "O teu primeiro emprego EURES³" ajudará os jovens a manterem-se informados sobre as ofertas de emprego existentes no estrangeiro e será ainda iniciado o programa "Erasmus para jovens empresários", para promover a sua mobilidade.
Melhorar a situação do emprego de jovens, a nível nacional e europeu, e diminuir o desemprego, facilitando a transição da escola para o mundo do trabalho e reduzindo a segmentação do mercado de emprego.	<ul style="list-style-type: none"> - Será proposta a criação de um observatório europeu de ofertas de emprego e de ajudas aos jovens empreendedores, a desenvolver pelos serviços públicos de emprego.

1 <http://europa.eu/youthonthemove>

2 Ploteus é o portal da UE sobre oportunidades de aprendizagem no espaço europeu (<http://ec.europa.eu/ploteus/home>).

3 EURES - Rede europeia de serviços de emprego que visa facilitar a mobilidade dos trabalhadores a nível transnacional (<http://ec.europa.eu/eures/home>).



*Não se deve colocar limites a nada que se queira fazer ou tentar – é esta a forma de encarar a vida de **Joana Seguro**, produtora independente, que se desmultiplica em projectos na área da música, concretizados maioritariamente em Inglaterra, onde vive há 15 anos. Muito pragmática, quando lhe falam em sonhos, devolve de imediato a pergunta: o que se pode fazer, agora, para os concretizar?*

Castelos nas nuvens... com os pés na terra

Entrevista de **Maria Emília Brederode Santos e Elsa de Barros**
Fotografias de **Pedro Aperta**

Sabemos que organizou uma conferência TED.

Como foi que isso aconteceu?

Organizei um TEDx. O X significa que a conferência é preparada independentemente da organização central, que é o TED. As iniciais do TED correspondem a Tecnologia, Entretenimento e Design. Com início em Silicon Valley, na Califórnia, o TED começou por incidir no *design* e nas novas tecnologias, mas há dois anos, um inglês chamado Chris Andersen lançou o TED-line, que pressupõe “ideias worth spreading”, ou seja, que as ideias boas têm de ser espalhadas. Foi nessa altura que passaram a colocar as conferências *online*. Eu fui uma das pessoas que ficaram apaixonadas por este conceito e, há um ano, fui a uma conferência TED, em Oxford.

Mas há outras conferências TED?

Anualmente, são organizadas três grandes conferências: uma nos Estados Unidos, outra em Inglaterra e uma última num país emergente; no ano passado foi na Índia e este ano deve ser na China. Estas conferências são muito exclusivas: a inscrição é cara e é necessário redigir um documento a explicar a razão por que se quer ir e de que forma se tenciona contribuir com novas ideias. A intenção é seleccionar um grupo de pessoas com ideias inovadoras e com entusiasmo para mudar o Mundo.

E como foi então a sua experiência na conferência?

Foi muito intensa, foi fantástica! De tal maneira que decidi tirar partido da oportunidade que o TED decidiu dar às pessoas como eu, que tenham ficado entusiasmadas quando assistiram à conferência e desejem organizar as suas próprias miniconferências. Essas pessoas têm de se inscrever e de apresentar o projecto, antes de obterem uma licença que implica determinadas regras a seguir.

Que regras são essas?

Quando fazemos um contrato com o TED, compramos o nome e o formato da conferência. Este formato implica que todas as apresentações têm de ter menos de 18 minutos, não podem ser proferidas com os conferencistas sentados à mesa ou enquadrados em cenários mais convencionais.

Qual a diferença entre uma conferência TED e uma conferência tradicional?

Numa conferência tradicional existe um prato principal, alguém que é a estrela do evento e faz uma longa intervenção. Numa conferência TED, é como se estivéssemos sempre a petiscar: as intervenções são mais curtas e estão a cargo de diversos participantes, que tanto podem ser cientistas como artistas, empresários ou políticos.

Quer dizer que o TED pressupõe um olhar multifacetado?

Numa conferência – pode ser sobre química, dança ou educação –, a intenção é contar com intervenientes de áreas distintas. A ideia é que o TED é um *melting pot*, com “todos ao molho e fé em Deus”. Deste cruzamento de perspectivas diferentes podem surgir ideias para mudar o Mundo.

Na sua opinião, o TED contribui para mudar o Mundo?

Acho que sim, devido à importância que se dá às pessoas, às ideias e à difusão dessas ideias através da plataforma electrónica das conferências. E não sou só eu que o penso, são milhares de pessoas no Mundo inteiro. Todos os dias acontecem dois ou três TED independentes.

Como é que podemos aceder às conferências?

As conferências são livres, qualquer pessoa pode aceder através da Internet. Quem quiser pode fazer comentários e traduções. Existem traduções em quase todas as línguas e quem pretender ser tradutor só tem de se inscrever e de pedir autorização.

Por que decidiu organizar um TEDx?

Estava a trabalhar com Thomas Dolby, o director musical da conferência principal do TED, e falei com ele. Normalmente, há música no TED, mas só ocasionalmente, como pano de fundo. Acontece que a música é a coisa mais importante da minha vida! Então, queria organizar uma conferência dentro do formato do TED, mas com mais enfoque na música, mais inovadora. Pretendia dar oportunidade aos músicos com quem trabalho para darem a conhecer as suas ideias e as suas criações. Tivemos uma série de artistas a tocar, violoncelistas, pianistas... Foi um sucesso!

Como decorreu o processo de organização da conferência?

O processo foi muito interessante. Há três anos, quando comecei a ver os vídeos, achava que o TED era a melhor coisa do Mundo. Depois, quando organizei a conferência, cheguei à conclusão de que o formato é ótimo, mas percebi que se tratava de um *franchising* com regras muito definidas. Tentei subverter esse formato: apaixonei-me pelo conceito, mas agora desejo organizar uma conferência dentro do género, mas diferente, não tão estereotipada como o TED.

É um pouco surpreendente que a música seja a sua vida, sabendo que vem da área da bioquímica. Como foi esse caminho?

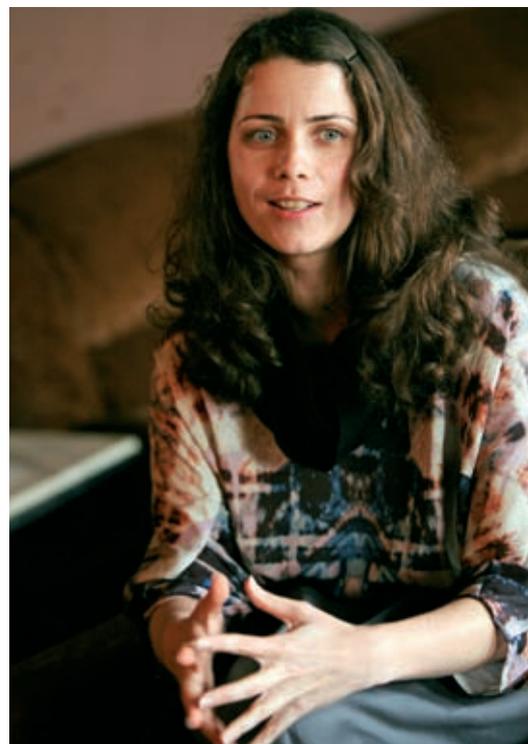
Aconteceu. Não foi planeado. Entrei para a Faculdade de Ciências, em Lisboa, para Química. Quando fiz o 1.º ano, meti na cabeça que não gostava de química, mas sim de bioquímica. Mudei para Bioquímica, mas cheguei à conclusão de que também não gostava. Perante o cenário de ficar quatro anos a fazer um curso pelo qual não tinha grande entusiasmo, decidi aproveitar a oportunidade de ir lá para fora estudar, que era algo que sempre tinha querido fazer. Fui para Londres estudar Farmacologia e Fisiologia, no King's College, mas depois mudei só para Farmacologia.

Farmacologia é idêntico a Farmácia?

Farmácia é sobre os comprimidos, a parte química, a posologia a prescrever aos doentes. A farmacologia é sobre o efeito que os químicos têm no corpo, tem mais a ver com o desenvolvimento de novas drogas e de novos químicos. Fiz este curso durante três anos, terminei-o, tirei a fotografia e depois não fiz mais nada com o canudo.

Pensa que esta formação académica de base científica lhe deu uma base prática para concretizar os seus sonhos?

Acho que o sistema científico dá um lado muito prático que ajuda a concretizar os



projectos. Isso é importante para o que faço na área da música. Sou produtora cultural: organizo eventos e desenvolvo estratégias com os artistas. Mas na verdade, quando cheguei a Inglaterra decidi aproveitar as oportunidades que havia a nível extracurricular e tive muitas outras experiências. Logo no primeiro ano, comecei a fazer produção em teatro e depois passei a escrever para o jornal da universidade, o que me permitiu entrar em contacto com pessoas da indústria da música e organizar concertos.

Acha que na sociedade actual é importante que em vez de investir apenas num curso se percorra esse caminho divergente?

Penso que sim. No meu curso havia 50 estudantes, que tinham todos a mesma formação e supostamente pensariam de maneira similar. Para essas pessoas terem sucesso quando forem trabalhar, têm de ter a capacidade de fazer algo de diferente dos outros todos, que os torne únicos. Por esse motivo, andava sempre à procura de novas experiências, de trabalhar em projectos de que gostasse e que mais ninguém fizesse.



Como foi a sua experiência na escola em Portugal?

Eu estava muito satisfeita na escola, sobretudo no secundário, onde havia diversas disciplinas. Gostava de ter aulas num laboratório, para a seguir estudar inglês, praticar educação física ou ter uma aula de Filosofia. Na universidade, perdi essa variedade: era só ciência e mais nada!

No básico, tive muita sorte com a minha professora, que tinha muita experiência, era muito calma e aberta a novas ideias. Estive com ela quatro anos. Quando cheguei ao 1.º ano, todos os meus colegas tinham andado no jardim-de-infância e sabiam contar até 100 e eu não. Tive de fingir que sabia! De vez em quando, dizia: “Querem organizar uma peça de teatro?” Não tinha guião, não tinha nada, mas

convencia os meus colegas a ficarem na hora de almoço dentro da sala e a organizar. E ela apoiava. Deixava-me correr de um lado para o outro e falar com toda a gente durante a aula. Por tudo isso, digo que tive muita sorte com a minha professora primária. Andei na escola oficial, em Queluz, e a seguir fui para o ciclo, também em Queluz.

Depois de acabar o curso em Inglaterra, como se tornou produtora independente?

Estava só a experimentar. Nunca tive uma ideia definida. Noutro dia, houve um jovem que entrou em contacto comigo, através de um sítio para *net-working*, a perguntar como é que podia começar a trabalhar na área da música. Acho que não se podem planear as mudanças. Se se gosta

de algo, vai-se e faz-se. Foi assim comigo: sempre que havia uma oportunidade, agarrava-a com as duas mãos e tentava aprender o mais possível. Quando principiei, tinha consciência de que havia pessoas com cursos de artes e um maior conhecimento acerca do funcionamento da indústria. Eu tinha menos experiência e, como sabia que tinha de aprender, aceitava todas as oportunidades de trabalho.



Teve uma bolsa, numa determinada altura?

A minha experiência profissional teve início com editoras de música e andava sempre a mudar de trabalho. Passados quatro ou cinco meses, achava que já tinha aprendido tudo e queria fazer outra coisa. Mais tarde, passei a trabalhar mais individualmente e criei a minha empresa, a Lumin, e comecei a desenvolver os meus projectos. Foi nessa altura que comecei a trabalhar com instituições culturais, mais ligadas a políticas e a subsídios, e senti que precisava de mais formação nessa área. Candidatei-me a uma bolsa de estudo da Welcome Trust, uma das maiores fundações do Mundo, que organiza cursos para líderes dentro das artes. Eu obtive uma bolsa para líderes no âmbito das artes e das ciências, com a duração de um ano.

Foi um ano útil?

Foi um ano fantástico! Visitei diversas instituições, fui a Boston, ao MIT Media Lab, sempre no âmbito das novas tecnologias e das ideias inovadoras. Trabalhei com diversas instituições em Inglaterra, nomeadamente com a Ordem dos Arquitectos.

Éramos um grupo de 25 bolsiros e havia uma grande partilha de experiências: aprendemos muito uns com os outros, ainda mais do que na parte curricular do curso.

A partir desta formação, o que fez?

Uma parte da minha actividade, desenvolvida desde há oito anos através da empresa Lumin, centra-se no *management* de artistas. Represento quatro artistas: uma compositora electrónica e clássica; um artista que faz esculturas musicais, criando máquinas que fazem música; um violoncelista clássico que trabalha com as novas tecnologias para dar concertos através da Internet; e um compositor que investe no cinema e faz jogos. Outra parte da minha actividade, em que invisto desde há cinco anos, relaciona-se com o projecto Faster Than Sound, que implica envolver novas tecnologias na música clássica, para que esta se torne verdadeiramente contemporânea. Trabalho com uma grande organização, a Aldeburgh Music, situada perto do local onde vivo, a Norte de Londres. Esta instituição organiza um grande festival centrado na música clássica contemporânea, promove diversos concertos e tem um *campus*, que funciona como residência de artistas para jovens compositores que aí ficam alojados enquanto participam em cursos de desenvolvimento artístico.

Desenvolve mais projectos além destes?

Sim, tenho outro projecto, que se chama Baile, com uma sócia portuguesa. Pretendemos dar a conhecer a música portuguesa no estrangeiro e trazer música experimental e inovadora de outros países para Portugal. A proposta consiste em organizar festas e concertos em que as pessoas dançam. Sobretudo quando se trata de música clássica, os espectadores são muito sérios: entram, sentam-se, tosse, e depois faz-se silêncio. No intervalo, batem palmas e no fim levantam-se. Para mim, a música tem a ver com dançar, saltar e andar satisfeita. A música é para as pessoas se divertirem!

Em Inglaterra tem mais alguma actividade?

O outro projecto que estou a desenvolver em Inglaterra chama-se Escolas Independentes. Havia muitas pessoas que queriam ser produtoras de música ou *managers* de artistas que me telefonavam a pedir conselhos sobre o que deveriam fazer. Este projecto procura dar resposta a essa questão de uma maneira mais formal. A primeira etapa é organizar uma residência, durante uma semana, em que se aborda a parte mais prática: como formar uma empresa, celebrar um contrato, vender uma ideia, tratar da parte jurídica ou fazer o *marketing* do projecto. A segunda etapa, que é extremamente importante, é haver um mentor e um tutor que apoiem as pessoas que estão a dar os primeiros passos nesta actividade. O mentor funciona como motivador, é alguém que diz “podes fazer o que quiseres” e que dá a ideia de que não há horizontes. O papel do tutor é ajudar a estruturar o processo passo a passo, fazendo também o papel de espelho, que ajuda a ver a realidade e impede de arranjar desculpas para não se atingir os objectivos. A terceira etapa é uma conferência, tipo TED, que permita um grande debate, um turbilhão de ideias. A quarta etapa é a recolha de estudos de caso que representem vários exemplos de formas de actuar, para dar a conhecer aos interessados e ao Governo.

Há mais alguma coisa sobre a qual queira falar?

Ainda tenho mais um projecto chamado Tea and Cake, que decorre no ferro-velho de um amigo meu e tem como principal objectivo juntar diferentes tipos de artistas. A ideia é reunir os artistas todos na mesma sala, onde bebem chá e comem bolos, enquanto ouvem ler poesia. No final, o poeta manda as pessoas rodarem de mesa para conhecerem os outros convidados. Com este projecto, já conseguimos fazer peças de dança, de teatro, pôr músicos a

trabalhar com coreógrafos e bailarinos com compositores. Em Inglaterra, esta iniciativa tem o patrocínio da fundação Joard's Charitables Trust, que atribui 3000 libras por ano para organizar estas festas, mas gostaria de alargar o projecto a Portugal.

Qual a vantagem de trabalhar como independente?

É a rapidez de reacção, porque não temos de respeitar as hierarquias existentes numa instituição e não existe burocracia. Temos, também, de ser mais criativos e flexíveis, porque há uma maior liberdade ao nível da acção, uma maior necessidade de adaptação. Não podemos ter só um projecto, temos de ter vários, que implicam pensar de diferentes formas. Essa adaptabilidade torna os independentes mais criativos.

Que conselhos daria a uma pessoa que quisesse concretizar um projecto semelhante aos que desenvolve?

Acho que não se deve colocar limites a nada que se queira fazer ou tentar. Mas há pessoas que constroem castelos nas nuvens, e isso não é positivo. Ou então que ficam sentadas à espera que as coisas aconteçam. Sou muito pragmática. Quando uma pessoa me diz que tem um sonho, pergunto-lhe o que pode fazer, agora, para o concretizar. Sou muito do agora. Há pessoas que pensam: “Ah, um dia, quando eu tiver isto, vou fazer aquilo...” Isso não adianta! ::

UMA NOVA IDEIA DE ESCOLA

“Uma boa metáfora para descrever como deveria ser a escola actual é vê-la como um sítio electrónico que tem uma plataforma comum, idêntica para todos, mas onde cada um pode mudar as cores, escolher o tipo da letra ou colocar fotografias. No final, cada sítio acaba por ser extremamente diferente, apesar de usarem todos a mesma plataforma.

No Mundo de hoje, não faz sentido ter um sistema igual para 1000 pessoas. Gosto da ideia das coisas à medida. Dentro de um sistema definido pelo Ministério da Educação, que assegure os conhecimentos básicos a todos, cada aluno deve ter oportunidade de fazer as suas próprias escolhas, de acordo com os seus objectivos. Deve dar-se mais responsabilidade aos jovens para delinarem o seu percurso escolar.”

Joana Seguro



BRINCAR, JOGAR E APRENDER

Mexer faz bem! Francisco Pontes, Cláudia Minderico e Paulo Vieira mostram no texto de abertura do *dossier* como a actividade física e desportiva tem um efeito positivo no desenvolvimento dos jovens.

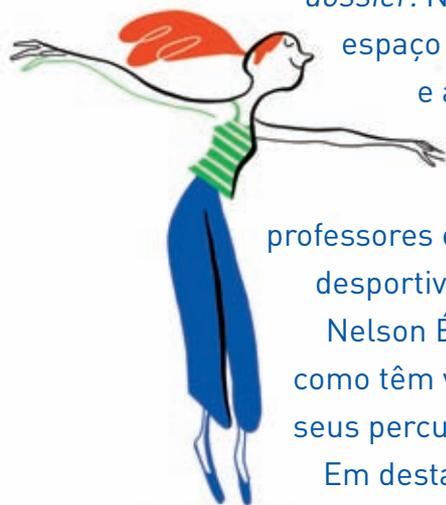
Raiz do desporto e do jogo, o “brincar” tem um lugar neste *dossier*. Nuno Vicente escreve sobre o recreio, espaço do qual todos nós temos as melhores e as piores recordações da nossa infância.

Em “No Terreno” Paulo Alves mostra como o programa do Desporto Escolar envolve alunos, professores e escolas, criando oportunidades de prática desportiva para todos.

Nelson Évora e João Ganço, uma dupla inseparável, contam-nos como têm vivido a aventura do desporto mundial e falam-nos dos seus percursos de trabalho, disciplina e persistência.

Em destaque, salientam-se alguns aspectos do Relatório do Parlamento Europeu de 2007 sobre o papel do desporto na educação.

Desta vez, a aula foi no picadeiro, com os alunos do grupo de hipoterapia da Escola EB 2,3 Luís de Camões de Constância. Já o repórter andou à solta por várias escolas: desde Algés a Alhandra e Póvoa de Santo Adrião, o desporto põe todos a mexer em modalidades tão distintas como o corfebol, a vela ou o ténis.



- 24 27 Questões e razões
Benefícios da actividade desportiva
Francisco Pontes, Cláudia Minderico e Paulo Vieira



- 28 29 Opinião
“Trago a fisga no bolso de trás e na pasta o caderno dos deveres...”
Nuno Vicente



- 30 33 No terreno
Mais actividade física, mais sucesso educativo
Paulo Alves



- 34 37 Feito e dito
Uma dupla inseparável
Teresa Fonseca e Rui Seguro



- 38 39 Em destaque
Em busca de estilos de vida saudáveis
Teresa Fonseca



- 40 41 Recursos



- 42 45 No picadeiro
O mundo no dorso de um cavalo
Helena Skapinakis



- 46 49 Repórter à solta
Quem corre por gosto não se cansa
Teresa Fonseca, Elsa de Barros e Helena Skapinakis



BENEFÍCIOS DA ACTIVIDADE DESPORTIVA

As actividades físicas e desportivas têm um efeito positivo no desenvolvimento dos jovens nos domínios cognitivo, social, afectivo e fisiológico, com relevante impacto no desempenho escolar. Consequentemente, defende-se a necessidade de incluir o desporto escolar nas actividades extra-curriculares e, ainda, divulgar e partilhar com pais e professores os benefícios da actividade desportiva no desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Texto de **Francisco Pontes, Cláudia Minderico e Paulo Vieira**
Ilustrações de **João Fazenda**

A actividade física moderada a vigorosa tem tido um reconhecimento crescente nos últimos anos na promoção da saúde e na prevenção da doença.

Não é de surpreender, portanto, que programas que promovam a actividade física tenham sido propostos com uma excelente relação custo-benefício para influenciar a próxima geração de adultos a ter um estilo de vida mais activo, uma vez que comportamentos saudáveis aprendidos na infância são frequentemente mantidos na idade adulta.

Para além dos evidentes benefícios para a saúde, o relatório do Parlamento Europeu¹ sugere que a actividade física e desportiva oferece às crianças e adolescentes maiores oportunidades de conhecer e comunicar com outras pessoas, adquirir melhores aptidões sociais (tais como tolerância e respeito pelos outros) e atingir objectivos colectivos, mesmo em desportos individuais (tais como cooperação e coesão) e promove a experiência de emoções que não são conseguidas de outra forma ao longo da vida.

CONTRIBUTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO ESCOLAR

Os contributos e benefícios da educação física e do desporto escolar para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e para o sistema educativo podem ser sistematizados em quatro diferentes domínios: cognitivo, social, afectivo e fisiológico.

→ DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Para alguns pais e professores ainda não é evidente que os alunos beneficiem em termos intelectuais com a actividade física e existe a ideia de que esta pode ser prejudicial para o sucesso académico reduzindo o tempo disponível para o estudo e o trabalho intelectual.

A actividade física melhora a circulação sanguínea, aumentando o afluxo sanguíneo ao cérebro e os níveis de norepinefrina e endorfinas, o que pode reduzir o *stress*, melhorar o humor e induzir um efeito calmante pós-exercício. A concentração melhora no período imediato à actividade física e o tempo de aprendizagem tende a reduzir-se com a prática regular de actividade física/desporto. O resultado conjugado destes efeitos reflecte-se positivamente nos resultados escolares. **Os alunos fisicamente activos aprendem melhor e de uma forma mais rápida.**



→ DESENVOLVIMENTO SOCIAL

A actividade desportiva tem uma contribuição positiva para o desenvolvimento social, nomeadamente na prevenção de comportamentos anti-sociais nos jovens. Os melhores contextos para desenvolver competências e valores sociais são os mediados por professores com formação adequada, concentrando-se em situações que surgem naturalmente através da interacção entre actividades físicas e intelectuais.

A inclusão social é outro dos importantes contributos da actividade desportiva. As experiências positivas decorrentes da actividade desportiva oferecem um sentimento de pertença a uma equipa ou grupo, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento de capacidades e competências valorizadas e de redes sociais com coesão e atitude cívica.

Os alunos fisicamente activos estão mais integrados.

→ DESENVOLVIMENTO AFECTIVO

A actividade física regular englobando qualquer tipo de actividade desportiva pode ter um efeito positivo sobre o bem-estar psicológico dos jovens, embora os mecanismos íntimos para explicar estes efeitos não estejam ainda completamente descritos. Existe uma relação positiva entre a actividade desportiva e a auto-estima da criança e do adolescente, bem como uma associação entre a actividade física regular e a redução do *stress*, da ansiedade e da depressão.



De uma forma geral, a actividade física induz emoções positivas imediatas e a longo prazo e reduz sintomas de tristeza e de humor deprimido, tornando os praticantes mais resistentes ao *stress*. O corpo converte-se num aliado, ajudando a promover uma relação positiva mente-corpo, potenciando uma imagem corporal mais positiva.

Num contexto de cooperação e superação, a actividade desportiva aumenta a autoconfiança, permite o contacto social, cria novos contextos, novas vivências, desafios e metas. Muito relevante é ainda o desenvolvimento da percepção da competência física. Estes efeitos de natureza afectiva e psicológica decorrentes de experiências positivas da actividade desportiva, tendem a aumentar a assiduidade dos alunos e o desempenho académico. **Os alunos fisicamente activos são mais felizes.**

→ DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO

Numa sociedade cada vez mais urbana, para muitas crianças e adolescentes, a escola é o único meio para se ser fisicamente activo, quer através da educação física e do desporto escolar, quer ainda através das simples brincadeiras no recreio.

A actividade física tem um efeito benéfico na aptidão física e fisiológica e na saúde. A aptidão física e fisiológica, representando um conjunto de atributos como a força, a flexibilidade, a composição corporal ou o

perfil lipoproteico, entre outros, decorre de um estilo de vida que pode afectar selectivamente o bem-estar, a morbidade e a mortalidade, isto é, pode determinar os níveis de saúde.

Crianças e adolescentes mais activos têm um perfil lipoproteico mais favorável (menos colesterol total e triglicéridos).

Outro importante efeito fisiológico da actividade desportiva é a indução de factores mecânicos que controlam os processos de adaptação do esqueleto, nomeadamente o crescimento, a modelação e a remodelação óssea. Nesta circunstância, está amplamente reconhecido que a massa e a densidade mineral óssea são superiores em jovens que praticam mais actividade física. **Os alunos fisicamente activos são mais saudáveis.**

COMBATE AO SEDENTARISMO: UMA NECESSIDADE DE SAÚDE PÚBLICA

Está bem documentado, em observações epidemiológicas transversais e longitudinais, que os diferentes padrões de actividade física tendem a diminuir com o avanço da idade. Por isso, o principal objectivo é contrariar esta tendência, isto é, garantir que os adolescentes têm, pelo menos, níveis similares de actividade física aos observados nas crianças. Um segundo objectivo é que parte desta actividade física seja de intensidade moderada e intensa, já que é reconhecido que tem benefícios adicionais à que está associada à actividade física de intensidade leve. Para este efeito, assume-se como muito relevante a actividade desportiva associada ao desporto escolar, já que pode proporcionar esforços mais intensos num contexto de elevada interacção de cooperação e oposição, condições importantes para o prazer associado à actividade física e respectivas consequências na possibilidade de este comportamento se manter estável. Esta estabilidade pode ocorrer até à idade adulta, o que representa a última finalidade.

A prevenção do sedentarismo e o aumento da prática desportiva, para além de poderem proporcionar uma maior base de recrutamento para o desporto de rendimento, coexistem com a prevenção da saúde cardiovascular, da obesidade e de muitas outras condições morbidogénicas. As crianças e adolescentes que têm maior risco de

O sucesso das primeiras experiências de formação é determinante.

uma saúde cardiovascular débil, são as que agregam simultaneamente comportamentos sedentários com o excesso de peso e obesidade.

DESPORTO ESCOLAR: UMA NECESSIDADE DO DESPORTO E DA SAÚDE PÚBLICA

Grande parte dos atletas de alto rendimento iniciou a sua formação desportiva no desporto escolar. O sucesso das primeiras experiências de formação é determinante, como o é a competência técnica, científica e pedagógica dos professores. As oportunidades criadas aos jovens, a organização das actividades de formação e competição e a competência do ensino são três pilares do desenvolvimento do desporto escolar e, por via disso, do desenvolvimento do desporto nacional.

É importante que os jovens se envolvam em actividades que promovam o aumento da aptidão cardio-respiratória. Independentemente do dispêndio energético total, actividades moderadas a vigorosas podem induzir adaptações fisiológicas e morfológicas benéficas para a saúde que previnam a síndrome metabólica, reconhecida pela sua importância no âmbito da saúde cardiovascular de jovens e adultos. A actividade de natureza intensa tem um contributo adicional no aumento da massa óssea, promovendo assim a prevenção da osteoporose. **O exercício físico regular contribui, consideravelmente, para reduzir as despesas de saúde a longo prazo.**

RECOMENDAÇÕES

Com base no conhecimento actual, existem todos os fundamentos para que a actividade física e o desporto se constituam como uma necessidade de uma sociedade desenvolvida e saudável. A escola é um espaço indispensável à promoção da saúde por diversas razões, mas sobretudo por ser universal para todas as crianças e jovens e constituir um espaço de educação por excelência, onde os alunos passam a maior parte do seu tempo. Em 2006 a Comissão Europeia recolheu 274 contribuições de organismos públicos e privados dos Estados-membros da União Europeia e de três países da Associação Europeia de Comércio Livre (Islândia, Noruega e Suíça) sobre esta matéria. Num contexto de interacção com a alimentação e a nutrição, foi definido um quadro político que clamava pela promoção das actividades físicas desportivas na escola, ao ser aprovada uma resolução do Parlamento Europeu² com especial chamada de atenção para: I) Aulas de Educação Física pelo menos três vezes ou superior a três horas semanais; II) Realização de projectos desportivos entre as escolas e clubes desportivos ou associações locais; III) Promoção da segurança do meio escolar envolvente, permitindo aos alunos deslocarem-se a pé ou de bicicleta. ::



¹ “Promoção de regimes alimentares saudáveis e da actividade física: uma dimensão europeia para a prevenção do excesso de peso, da obesidade e das doenças crónicas”: 2006/2231 (INI).

² “O Papel do Desporto na Educação” 2007/2086 (INI).

Opinião



FOTO Jorge Padeiro

O recreio, do qual todos nós temos as melhores e as piores recordações da nossa infância, assume-se como um espaço e um tempo de grande importância no desenvolvimento da criança. Neste texto, o autor recomenda um novo olhar sobre a construção do recreio como um local de segurança e liberdade.

“TRAGO A FISGA NO BOLSO DE TRÁS E NA PASTA O CADERNO DOS DEVERES...”*

Texto de Nuno Vicente²
Escola Básica do 1.º Ciclo Engenheiro
Duarte Pacheco, Agrupamento de
Escolas das Olaias

O termo recreio possui um duplo sentido: tempo e espaço. É usado para identificar o espaço de actividade livre por parte dos alunos, onde estes podem realizar as suas actividades e serem os próprios a controlá-las, e também é interpretado como o tempo que medeia entre duas aulas, normalmente designado por intervalo.

Os recreios são espaços que devem garantir o direito da criança a brincar, criando assim, rotinas para a vida activa (Pereira, 2002). O recreio escolar também deve ser visto como um momento de desenvolvimento da criança. Desde a criação de relações com outras crianças, à recriação de jogos e improvisação de brincadeiras, à aprendizagem de regras e de tomadas de decisões, tudo isto irá influenciar o desenvolvimento de novas competências que lhe serão úteis no presente e no futuro.

É no recreio que as relações entre pares são mais livres e espontâneas e se fazem aprendizagens diferentes, mas tão importantes como as da sala de aula (Blatchford & Sharp, 1994, in Marques *et al.*, 2002). O recreio é um espaço de desenvolvimento, socialização, aprendizagem e jogo sem a influência directa dos adultos, que permite à criança criar as suas próprias relações e amizades.

Na definição de recreio está ainda implícita a ideia de espaços ao ar livre, fundamentais para a promoção de estilos de vida saudáveis, que deverão ser iniciados o mais cedo possível – no jardim-de-infância e no 1.º ciclo. Os espaços livres (não construídos) também são fundamentais para as crianças, pois permitem-lhes explorar os elementos naturais.

A importância do recreio recomenda um novo olhar sobre a planificação dos seus espaços, tendo em consideração os seguintes itens:

- participação efectiva das crianças na elaboração de um projecto de recreio que possa atender, de forma eficaz, às suas necessidades motoras, afectivas e sociais;
- modificação das condições de supervisão dos recreios onde seja incluída obrigatoriamente a capacitação dos elementos que actuarão nessa acção;
- formação de uma equipa polivalente que envolva, além da comunidade escolar, técnicos especializados em construção/requalificação de espaços lúdicos;
- análise de diferentes formas de planeamento para os espaços interiores e exteriores de forma que eles possam cumprir as suas funções, proporcionando às crianças a liberdade necessária para brincar com um mínimo de constrangimentos possível.

“MESTRE-ESCOLA, EU SEI LÁ SE SOU CAPAZ...”

O recreio escolar no 1º ciclo é considerado por muitos autores um espaço pobre e inadequado às necessidades das crianças. As necessidades de ontem não são as mesmas de hoje e não serão as mesmas de amanhã. O horário escolar, incluindo as Actividades de Enriquecimento Escolar (AEC), faz que as crianças passem a maior parte do tempo na escola. As mudanças que têm acontecido na sociedade, em relação à família, aos hábitos de vida e à segurança realçam a importância que o recreio pode ter no desenvolvimento das crianças. As famílias são cada vez mais monoparentais e sem a presença dos avós, diminuindo consideravelmente o tempo disponível dos adultos para as crianças. Hábitos de vida mais sedentários, com bastantes horas frente a um ecrã (televisão, computadores, *playstation*, telemóveis), a insegurança nas ruas, principalmente nas grandes cidades (não só pela possibilidade de assalto como também pelo trânsito) reduzem os espaços em que a criança pode andar à vontade. Nos dias de hoje, para as crianças, que passam a maior parte do seu tempo na escola, o recreio será o único espaço ao ar livre de que poderão usufruir. Isto levamos a defender a necessidade de tornar este espaço mais seguro e estimulante. É urgente estarmos atentos às potencialidades que o recreio pode oferecer às crianças e não permitir que se torne um espaço desaproveitado e com supervisão inadequada.

“... DE ESCOLHER O MELHOR DOS DOIS SABERES!”

Sendo a escola cada vez mais globalizada, o recreio também deve ser o mais diversificado possível, não possuir um só tipo de espaço que implique um só tipo de brincadeira. O recreio deve ter espaços diferentes, com vários tipos de materiais, permitindo a integração de todas as crianças. Os equipamentos móveis (bolas, cordas, arcos, damas, pinos, elásticos, jogos tradicionais), enriquecem consideravelmente o recreio, proporcionando vastas oportunidades de brincadeiras e de desenvolvimento da criatividade. Também deve ser prioridade a conservação de áreas verdes e naturais permitindo um contacto directo com a Natureza. O empreendedorismo na requalificação do recreio através da sua manutenção, decoração e reciclagem de materiais constitui uma oportunidade de formação de futuros cidadãos activos. No 1º ciclo, principalmente, a supervisão é um factor de extrema importância que, para além de transmitir segurança e mediar conflitos, deve ser também um elemento integrador de alunos que estejam excluídos dos grupos de brincadeiras. As escolas devem oferecer vários tipos de actividades, através de um projecto escolar que potencie os seus espaços, de acordo com as necessidades reais dos alunos. Adequar o recreio aos jogos, através de actividades desportivas informais, permite formar adolescentes e adultos activos, que sintam prazer na actividade desportiva.

Será fácil motivar a comunidade e as crianças, em qualquer projecto escolar relacionado com o recreio levando-os a participar activamente na construção de um espaço que ofereça segurança, liberdade, oportunidades e amizades. ::

“...Meu pai diz que o Sol é que nos faz, minha mãe manda-me ler a lição, Mestre-escola eu sei lá se sou capaz...” Não terão os dois RAZÃO?

* Títulos e subtítulos – Letra de “a Fiso”, João Monge, Rio Grande, 1996

¹ Texto elaborado a partir de uma investigação-acção, realizada na Escola Básica do 1.º ciclo do Agrupamento de Escolas de Cascais, para uma tese de mestrado, orientada pela Prof. Maria Beatriz Pereira, em 2009, na Universidade do Minho.

MAIS ACTIVIDADE FÍSICA, SUCESSO EDUCATIVO

Possibilitar a formação de bons praticantes desportivos e cidadãos conscientes, mais activos e saudáveis, com sucesso pessoal e escolar, é a grande prioridade do desporto escolar. Neste artigo, mostra-se como este projecto educativo envolve alunos, professores e escolas, criando oportunidades de prática desportiva para todos.

Texto de Paulo Alves
Ilustração de João Fazenda



Proporcionar a todos os alunos acesso à prática de actividade física e desportiva, como contributo essencial para a formação integral dos jovens e para o desenvolvimento desportivo nacional é a finalidade do desporto escolar. Tem como princípios subjacentes: a escola como eixo principal de todo o processo educativo, o reforço da autonomia e da responsabilização dos alunos e a promoção e divulgação de boas práticas.

O Desporto Escolar é um programa de oferta obrigatória em todas as escolas, devendo ser desenvolvido de acordo com as condições específicas de cada uma. Visa promover a saúde, a inclusão e integração social, incentivar a prática do desporto e combater o insucesso e abandono escolar. É, por isso, uma forma de responder aos desafios educativos, combatendo a obesidade, as toxicodependências, a pobreza e a exclusão social. Deve ser articulado horizontal e verticalmente, ao longo de todos os anos de escolaridade, com as actividades curriculares da Educação Física, da Expressão e Educação Físico-Motora e ainda com as actividades físicas e desportivas das Actividades de Enriquecimento Curricular do 1.º ciclo do ensino básico.

O sucesso da implementação do Programa do Desporto Escolar na comunidade educativa passa, necessariamente, pela estreita relação com o movimento associativo desportivo (clubes, associações, federações desportivas, Confederação do Desporto de Portugal, Comité Olímpico de Portugal), com as autarquias e a comunidade em geral.

Os alunos a partir do 2.º ciclo do ensino básico e até ao final do ensino secundário são a população-alvo do Programa do Desporto Escolar. Este assenta em dois pilares essenciais: a actividade interna e a actividade externa.

A actividade interna é o conjunto de actividades físico-desportivas enquadradas no Plano Anual de Actividades de Escola, desenvolvidas pelo Grupo/Departamento de Educação Física e implementadas pelo Clube de Desporto Escolar, sob a responsabilidade do coordenador.

A actividade externa deverá ser entendida como toda a actividade desportiva desenvolvida através da participação de grupos/equipas das diversas



vertentes do Clube de Desporto Escolar em encontros inter-escolas, de carácter competitivo (visando o apuramento selectivo – campeonatos regionais, nacionais e internacionais), ou de carácter não competitivo (encontros/convívios). Pretende-se que a actividade externa seja decorrente da actividade interna e que desenvolva iniciativas de formação e/ou orientação desportiva, tendo em vista



a aquisição de competências físicas, técnicas e táticas, para uma evolução desportiva e uma formação integral do jovem, respeitando os princípios do desportivismo.

Para o desenvolvimento das actividades do desporto escolar e aplicação do presente programa, os estabelecimentos de ensino com contrato de associação usufruem do mesmo tratamento que as escolas públicas no que respeita aos alunos abrangidos pelo contrato em vigor, em relação à atribuição e afectação de recursos humanos.

O DESPORTO ESCOLAR DESDE 1996 AOS NOSSOS DIAS

O crescimento do Programa do Desporto Escolar tem sido constante no número de actividades, de grupos/equipas, de participantes inscritos nas actividades locais, regionais e nacionais e na qualidade e quantidade da participação internacional, quer nos Jogos da Fédération Internationale Sportive de l'Enseignement Catholique (FISEC), quer nos Campeonatos Mundiais da International School Sport Federation (ISF), onde Portugal tem participado em diferentes modalidades ao longo dos anos, com especial destaque para o andebol, a orientação, o atletismo, o corta-mato e o voleibol, entre outras.

Como se poderá verificar no Quadro 1, o crescimento foi constante. Desde o ano lectivo de 1996/97 até 2009/10, o número de professores aumentou 106%, o número de grupos/equipas, 51,4%, e o número de alunos inscritos no Programa do Desporto Escolar, 76,4%.

No entanto, deve-se salientar que se registou nos últimos dois anos um maior crescimento do número de professores, comparativamente ao número de grupos/equipas, por se terem incluído os responsáveis

pela actividade interna na listagem de professores. Relativamente ao número de estabelecimentos de ensino, deveremos assinalar que praticamente todas as escolas públicas e escolas privadas com contrato de associação aderiram ao Desporto Escolar.

Quadro 1 Evolução quantitativa da actividade externa do Desporto Escolar de 1996 a 2011

ANO LECTIVO	ESCOLAS	PROFESSORES	GRUPOS/EQUIPAS	ALUNOS INSCRITOS
1996/97	1105	4352	4713	90 000
1997/98	1142	4644	4810	a)
1998/99	1214	4763	5036	a)
1999/00	1220	4995	4789	95 560
2000/01	a)	a)	a)	a)
2001/02	1169	4540	4540	119 389
2002/03	1265	5177	5177	90 355
2003/04	1276	4875	4845	99 780
2004/05	1237	4845	5110	119 389
2005/06	a)	a)	a)	a)
2006/07	1163	5091	5091	111 996
2007/08	1.289	6113	6087	128 065
2008/09	1312	6550	6623	142 286
2009/10	1378	8965	7136	158 736
2010/11	1278	9035	7494	158 209 b)

a) Sem dados

b) Dados provisórios em Janeiro de 2011



O PROGRAMA DO DESPORTO ESCOLAR EM 2010/11

A **ACTIVIDADE INTERNA** será constituída em cada escola por vários eventos a decorrer ao longo do ano lectivo: torneios inter-turmas, cortamato, dias e semanas da Educação Física, exibições de dança e/ou de desportos gímnicos, projectos especiais, entre outras actividades.

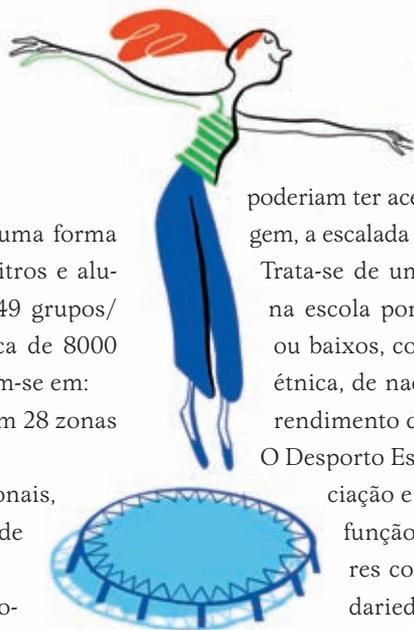
Os projectos especiais, fruto das parcerias desenvolvidas com diferentes instituições, constituem um enriquecimento significativo da actividade interna das escolas, equipando, inclusive, alguns deles, as escolas com material desportivo. No âmbito destes projectos, realizam-se actividades nas escolas e ainda a nível local, regional e nacional. Os projectos de maior dimensão são:

- O Projecto Mega, com a Federação Portuguesa de Atletismo;
- O Projecto Compal Basket, com a Federação Portuguesa de Basquetebol;
- O Projecto Giravolei, com a Federação Portuguesa de Voleibol;
- O Projecto Fitnessgram, com a Faculdade de Motricidade Humana;
- O Projecto Nestum Rugby, com a Federação Portuguesa de Rugby.

Desenvolvem-se ainda projectos especiais de menor dimensão:

- O Projecto Tri-Escola, com a Federação de Triatlo de Portugal;
- O Projecto Indoor Kayak, com a Federação Portuguesa de Canoagem;
- O Projecto “Maior Aula de Judo do Mundo”, com o vice-campeão olímpico Nuno Delgado;
- O Projecto Semana Olímpica, com a Comissão de Atletas Olímpicos;
- O Projecto Pessoa, com a Faculdade de Motricidade Humana;
- O Projecto Desafio Coração, com a Fundação Portuguesa de Cardiologia;
- O Projecto Karaté, com a Federação Portuguesa de Karaté.

Em fase de elaboração, e produto da parceria com o Comité Olímpico de Portugal, encontra-se o Projecto de Comemoração do Ano Olímpico 2012 na Escola. Na actividade interna, espera-se a movimentação em actividades pontuais ao longo do ano lectivo de cerca de 700 000 jovens em cerca de 35 000 actividades.



A **ACTIVIDADE EXTERNA** envolve de uma forma regular alunos atletas, alunos árbitros e alunos dirigentes, integrados em 7449 grupos/ /equipas, que participam em cerca de 8000 eventos. Estes eventos desenvolvem-se em:

- Quadros competitivos locais, em 28 zonas geográficas;
- Quadros competitivos regionais, nas cinco Direcções Regionais de Educação;
- Quadros competitivos nacionais, onde também participa com regularidade a Região Autónoma dos Açores, em 55 diferentes modalidades.

poderiam ter acesso a desportos como o golfe, o ténis, a vela, a canoa-gem, a escalada ou o hipismo, entre muitas outras.

Trata-se de um exemplo de inclusão, pois nele coexistem, como na escola portuguesa, todos os jovens, magros ou obesos, altos ou baixos, com ou sem deficiência, sem discriminação religiosa, étnica, de nacionalidade ou de língua, com alto, médio ou baixo rendimento desportivo.

O Desporto Escolar tem um importante papel na dinamização, iniciação e formação de jovens no desporto, fortalecendo a sua função social e orientando os jovens praticantes para valores como o humanismo, a verdade, a honestidade, a solidariedade, a coesão, o respeito, a lealdade e a coragem. ::

✓ As actividades rítmicas expressivas envolvem um conjunto de modalidades: danças sociais, danças tradicionais, danças urbanas, danças aeróbias.

✓ Os desportos gímnicos envolvem um conjunto de modalidades: ginástica artística, ginástica de grupo, ginástica acrobática, ginástica aeróbia desportiva, trampolins, ginástica rítmica.

✓ Karaté, tiro de precisão, aeromodelismo, esqui, futebol de sete, hóquei em patins, *squash*, pesca desportiva, *kin ball*.

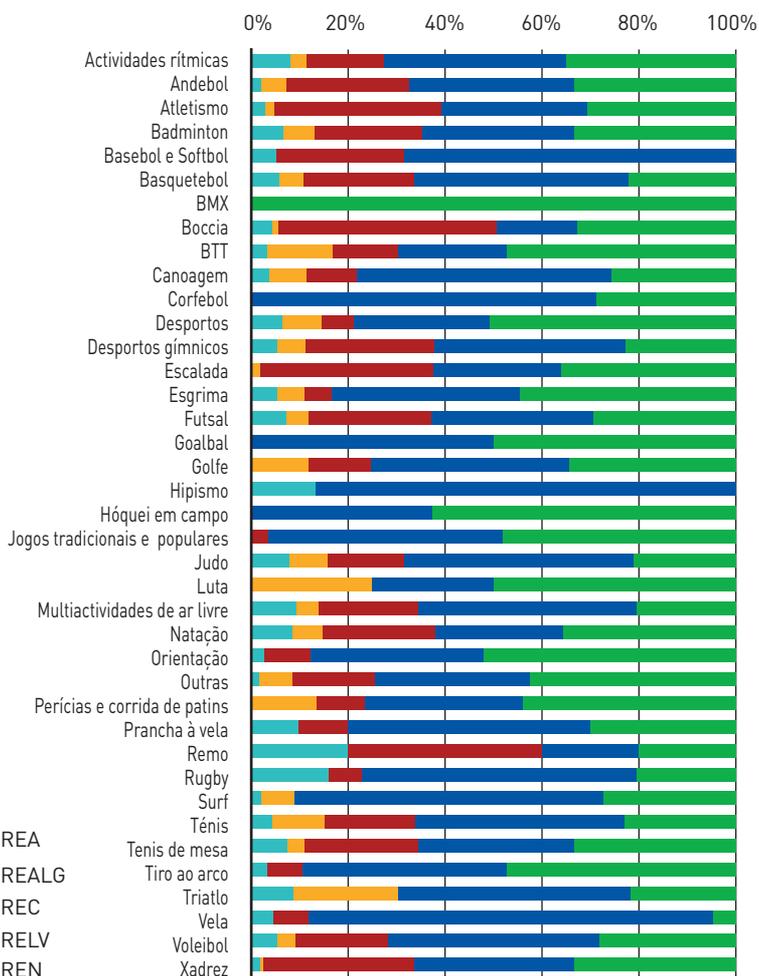
O gráfico I dá-nos uma perspectiva da distribuição dos grupos/equipas por cada uma das Direcções Regionais de Educação.

CONCLUSÃO

O Desporto Escolar desenvolve-se em todos os locais do País, com especial realce nas regiões onde normalmente não chegam as federações desportivas, ou onde estas têm dificuldade em promover a sua modalidade.

Este programa cria oportunidades de prática desportiva a alunos com menores recursos económicos que, de outra forma, dificilmente

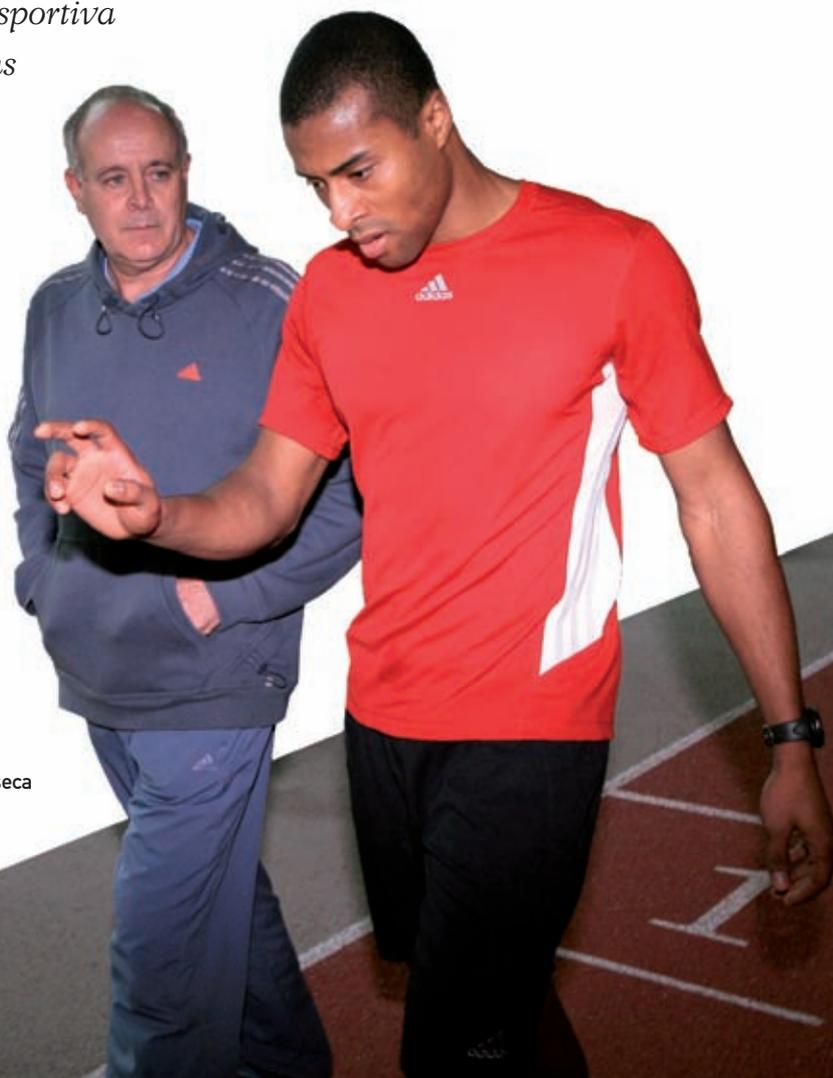
GRÁFICO 1 Percentagem de Grupos equipas / Modalidade / DRE



● Feito e dito

UMA DUPLA INSEPARÁVEL

Nelson Évora, campeão do mundo de triplo salto em Osaka e medalha de ouro dos Jogos Olímpicos de Pequim, e o seu treinador de sempre, João Ganço, contam-nos nesta entrevista como têm vivido a aventura que lhes deu acesso aos grandes palcos desportivos mundiais. Falam-nos de todo um percurso de trabalho, disciplina e persistência e da necessidade de interacção entre a prática desportiva e as aprendizagens académicas.



Entrevista de Rui Seguro e Teresa Fonseca
Fotografias de Pedro Aperta

Quando é que começou o seu gosto pelo desporto?

Nelson Évora – Tudo começou pelas brincadeiras na rua com os outros miúdos. Sempre fui uma criança muito activa em termos desportivos. Passava os meus tempos livres a jogar à bola e, aos fins-de-semana, jogava futebol de cinco. Desde pequeno que demonstrava vontade de praticar atletismo, tendo começado a correr em provas de estrada como individual. Era o que estava disponível na altura para essa faixa etária e não tinha um local de treino.

A escola proporcionou-lhe uma aprendizagem mais sistemática?

NE – Sim. O que me fez ganhar o hábito de treinar e começar a disciplinar-me em termos desportivos foi o desporto escolar. Iniciei-me no desporto a sério através do meu treinador, o professor João Ganço. Comecei oficialmente na Escola Secundária da Ramada, no clube de desporto que o professor criou nessa escola em 1992, se não me engano.



E a sua carreira desportiva como começou?

João Ganço – Eu fui recordista de juniores de salto em altura e o primeiro português, nascido no continente, a saltar dois metros.

E como é que se tornou professor de Educação Física?

JG – Escolhi Educação Física por mero acaso. Foi um colega meu que me incentivou, porque eu queria ir para Engenharia Civil. Acabei o curso com 22 anos, já casado e com filhos. Fui então dar aulas de ginástica e afastei-me do atletismo, porque precisava de ganhar dinheiro para sustentar a família.

Como se deu o seu encontro com o Nelson Évora?

JG – Morava no mesmo prédio do Nelson e o meu filho, com sete anos na altura, brincava com ele. Comecei a levar o Nelson e o meu filho para a Escola Secundária da Ramada, onde, a par das aulas, criei um clube de atletismo frequentado por cerca de 60 jovens.

Porque escolheu a modalidade de triplo salto?

NE – O professor Ganço sempre nos incentivou a praticar várias modalidades para descobrirmos os nossos gostos e aptidões. Não nos tentou aliciar só para o atletismo, embora isso fosse a minha grande paixão desde muito novo. Fiz ginástica, judo, joguei andebol e voleibol. Pratiquei todos esses desportos. Tive a oportunidade de fazer um pouco



de tudo e também a sorte de ir para uma escola onde isso era possível.

Como detectou as potencialidades do Nelson Évora?

JG – Fazia testes aos alunos. Criava grupos e punha uns a saltar, outros a fazer lançamentos, outros a correr, e observava-os, dentro do possível. Eram tantos que se tornava difícil, mas conseguia detectar os que sobressaíam. Fui mesmo obrigado a isso, porque o Odivelas Futebol Clube convidou-nos para treinarmos lá: tive, naquela altura, de fazer uma selecção. Levei cerca de 30 jovens para Odivelas. Este foi o nosso primeiro clube. Estivemos lá cerca de dois anos. Depois o Benfica convidou-nos e já só levei um grupo de 15 atletas. Começou então aí a verdadeira selecção. Inicialmente, no Benfica, treinava tudo, desde lançamentos a corridas e saltos. Depois comecei a dedicar-me mais à velocidade e aos saltos.

Os seus alunos treinavam muito?

JG – Os alunos do clube de desporto treinavam diariamente, mesmo ao domingo. Até o presidente do conselho directivo me entregou a chave da escola para eu a abrir e orientar os treinos.

Foi aí que começou a minha carreira como treinador de atletismo. Nas competições inter-escolas, nós ganhávamos tudo e éramos assobiados pelos outros. É que os meus alunos treinavam todos os dias e os das outras escolas, duas vezes por semana. Criava-se uma situação de desconforto perante as outras escolas pelo desequilíbrio dos resultados.

Como é que conseguiu conciliar a actividade desportiva com o desempenho académico?



NE – Foi relativamente fácil, até ao 12.º ano, conciliar a carreira desportiva com os estudos, porque até essa idade não é exigido um treino muito intenso ao atleta. Quando se passa para a universidade, quando já se têm aulas de manhã e de tarde e muitos trabalhos para fazer, começa a ser um pouco mais complicado, embora tudo seja uma questão de disciplina e de organização. Ninguém se pode queixar de que o desporto é impeditivo de estudar. É possível conciliar, há o exemplo de muitos jovens. O desporto nunca me impediu de estudar, embora tivesse feito uma pausa, já na universidade, por opção própria, para atingir os mínimos para os jogos olímpicos.

Quais são as principais competências que acha que a prática desportiva desenvolve nos jovens?

JG – A motivação leva muitas vezes os jovens a criarem uma estrutura mental que lhes permite coordenarem melhor o tempo, de modo a conseguirem estudar e treinar. Posso dizer que a maioria dos atletas que treinaram comigo tem cursos superiores.

Desenvolve a perseverança e a disciplina?

JG – Sim, sem dúvida nenhuma. Ainda me lembro de que alguns professores me diziam que o aluno ou a aluna do

clube de desporto estava a ter muito melhores notas e que, apesar de os pais dizerem “o desporto está a roubar-lhes tempo para estudar”, eu verificava que eles ganhavam tempo, porque ficavam mais disponíveis para o estudo.

E para si, qual é o tipo de competências que a prática de desporto desenvolve nos jovens?

NE – A prática desportiva ensina-nos muitas coisas. Para mim, aprendi com o desporto que todos temos um limite e que conseguimos ir muito mais além do que podemos imaginar, tanto a nível físico como mental. A prova disso é que já fiz coisas espectaculares e consegui conciliar isso tudo com os estudos. O que o desporto me ensinou é que conseguimos sempre atingir o que queremos. É preciso ter força de vontade e lutar muito, ter capacidade de organização do tempo, disciplina, persistência e, mais importante que tudo, gostar do que faz. São competências que o desporto vai desenvolvendo e que depois se transferem para a vida.

O triplo salto é uma modalidade muito técnica. Como é a aprendizagem dessa técnica?

NE – A aprendizagem do triplo salto leva muito tempo, porque é antinatural. É um movimento que não é natural nos movimentos do ser humano e temos de treinar até que se torne quase natural. Quando se chega à alta competição, começamos a preocupar-nos com outras questões: questões da física e, aqui, já é importante ter alguma aprendizagem académica para fazer alguns estudos dos movimentos. Se não soubermos fazer cálculos de matemática, dificilmente conseguiremos aperceber-nos de pequenos pormenores que irão fazer a diferença. O meu treinador faz um trabalho de pesquisa exaustivo daquilo que é melhor para mim, porque ele já me conhece há muito tempo, mas eu também faço um trabalho em casa sobre as distâncias que corro, o tamanho das minhas passadas, a velocidade a que tenho de entrar, os ângulos de entrada e de saída. Eu é que tenho de conciliar essa parte teórica com a prática, que é o mais difícil.

Que curso superior é que o Nelson Évora frequenta?

NE – Ando a tirar uma licenciatura em Marketing e Publicidade.

E tenciona mais tarde trabalhar nessa área?

NE – Acho que é importante conciliar o que estudámos com aquilo que fizemos toda a nossa vida. Para o próximo ano

faço 27 anos de idade. Tenho 20 anos de atletismo e outros tantos de estudos. Se eu pudesse trabalhar em *marketing* desportivo seria óptimo, porque estou a par da realidade desportiva e, ao adquirir uma formação académica, podia conciliar ambas.

A sua vida desportiva tem sido uma ajuda para alguns trabalhos para a faculdade?

NE – Já me ajudou muito. Para os meus primeiros trabalhos do 1.º ano, consegui ter muitas portas abertas. Fui a instituições desportivas com os meus colegas para desenvolver esses trabalhos, que até ficaram muito bons.

Quais são as diferenças e semelhanças entre ser professor e ser treinador, em termos de exigências?

JG – As aulas de Educação Física têm a duração de cerca de duas horas semanais, que é o tempo de um treino de um atleta. Enquanto professor, eu gosto muito dos meus alunos, mas não é a mesma coisa que ser treinador, porque o período de aulas é tão curto que não dá para ver a sua evolução. Portanto, essa é a principal diferença.

Quando o Nelson vai visitar escolas qual é o tipo de receptividade?

NE – A receptividade dos mais jovens tem sido sempre espectacular.

Há muitas escolas que o convidam?

NE – Sim, mas infelizmente não consigo ir a todas. Tenho de gerir muito bem as datas e o contexto em que vou. Sempre achei que era importante passar aos mais jovens a mensagem de que é possível praticar desporto e estudar, conciliando os estudos com a alta competição. Claro que fazer um curso superior e tudo à primeira, é muito difícil, mas há quem consiga. O importante é passar a mensagem de que é possível e que é preciso lutar para que isso seja possível.

Mas nem todos os jovens atingem a alta competição...

NE – Sim, claro, nem todos vão ser atletas de alta competição, mas acho que é importante para o equilíbrio mental de qualquer pessoa praticar algum desporto. Quem tem muitas horas de estudo deve arranjar uma hora para fazer desporto. No início, vai custar um pouco, mas ao fim de dois ou três meses começa a habituar-se e a ganhar ritmo e verifica que até a própria mente se liberta para melhor desempenho a nível intelectual. ::



PERFIL A DOIS

Perseverança e uma força de vontade férrea é o que estes homens, João Ganço e Nelson Évora, têm em comum.

João Ganço conciliou durante 17 anos a actividade de professor com a de treinador de Nelson Évora. Não foi nada fácil, mas conseguiu. Desde há três anos, está requisitado e dedica-se a tempo inteiro aos seus atletas. Também Francis Obikwelu beneficia actualmente da sua orientação.

Nelson Évora, aluno do 1.º ano da faculdade, levantava-se às 6.30 para estar às 8 horas na faculdade, de onde saía às 13. Almoçava e às 15.30 estava já na pista para treinar até às 20 horas. Fazer recuperação, jantar, fazer trabalhos da faculdade e dormir por volta das 24 horas até à madrugada do dia seguinte. Foi este o ritmo. Foi muito duro, mas conseguiu.

João Ganço e Nelson Évora acham que não basta ter aptidões, que o treino é fundamental e que o empenhamento do atleta e do treinador é a chave do sucesso. Revelam grande cumplicidade nas conversas entre os saltos, nos olhares e na forma como, um dentro da pista e o outro fora, saltam ambos para lá dos limites. Não é fácil, mas conseguem.



Em destaque



EM BUSCA DE ESTILOS DE VIDA SAUDÁVEIS

Texto de **Teresa Fonseca**
Ilustração de **João Fazenda**

A preocupação das instituições internacionais com a actividade física das populações tem sido uma constante ao longo dos anos.

Desde a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO (1978) até ao Relatório do Parlamento Europeu sobre o papel do desporto na educação (2007), muito caminho tem sido feito.

Questões como a necessidade de actividade física para contrariar o sedentarismo e combater a obesidade estão na ordem do dia. Neste texto, pretende-se destacar alguns aspectos do relatório de 2007 relacionados com o sistema educativo.

Na sequência do estudo publicado pelo Parlamento Europeu intitulado “Situação actual e perspectivas da educação física na União Europeia”* e tendo em conta o relatório da Comissão da Cultura e da Educação e os pareceres da Comissão dos Direitos da Mulher e da Igualdade dos Géneros e da Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais, o Parlamento Europeu reuniu e aprovou uma proposta de resolução sobre o papel do desporto na educação, com dez considerandos, dos quais se destacam as seguintes ideias-chave:

- Desporto como forma de combate ao excesso de peso e promoção de vida saudável.
- Desporto como instrumento de integração social.
- Desporto como forma de promoção de valores sociais e educativos (autodisciplina, solidariedade, respeito pelo adversário, espírito de equipa, tolerância e *fair play*).

No sentido de operacionalizar estas ideias-chave, o Parlamento Europeu aprovou algumas recomendações dirigidas aos Estados-membros:

- Pôr em prática mudanças de orientação da educação física como disciplina escolar, tendo em conta as necessidades e as expectativas das crianças no plano social e no da saúde;

- Tornar obrigatória a educação física no ensino primário e secundário e estabelecer um horário escolar de, pelo menos, três aulas de educação física por semana, embora as escolas devam, na medida do possível, ser incentivadas a ultrapassar este objectivo mínimo;
- Fomentar o conhecimento do próprio corpo e o desenvolvimento da saúde mediante uma maior integração do desporto com as outras disciplinas académicas;
- Promover um equilíbrio entre as actividades físicas e intelectuais durante o período escolar;
- Tornar as instalações desportivas dos estabelecimentos de ensino e os cursos desportivos ministrados acessíveis a todos os estudantes, incluindo os portadores de deficiência;
- Disponibilizar uma vasta gama de actividades desportivas, a fim de que cada estudante tenha realmente a possibilidade de participar em diferentes modalidades;
- Garantir o ensino de Educação Física a todos os níveis, incluindo o ensino primário, por monitores especializados;
- Prestar aos professores de Educação Física formação relativa às questões de género, incluindo este aspecto nos seus planos curriculares;
- Constituir turmas mistas de Educação Física nas escolas pré-primárias e primárias e criar a possibilidade de optar por turmas mistas ou não mistas a partir do ensino secundário, para incentivar as raparigas a experimentar desportos tradicionalmente masculinos;
- Melhorar a promoção de desportos associados ao lazer e à socialização, uma vez que a saúde não constitui um móbil suficiente para fomentar a prática regular de desporto;
- Promover a cooperação e melhorar o intercâmbio de informações e de exemplos das melhores práticas entre as escolas e as associações desportivas não escolares, autoridades locais, organizações de voluntariado ou da sociedade civil que organizam actividades desportivas. ::

ALGUMAS DAS CONCLUSÕES DO 8.º CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Analisando as conclusões do 8.º Congresso Nacional de Educação Física, verifica-se que também a nível nacional as questões colocadas no Relatório do Parlamento Europeu são alvo de reflexão.²

Em especial para o 1.º ciclo, o congresso

constatou “a inexistência generalizada de Educação e Expressão Físico-Motora (EEFM) curricular no 1.º ciclo do ensino básico (embora consagrada em lei). Ainda neste âmbito, reconhecemos que as Actividades de Enriquecimento Curricular não eram, de maneira alguma, substitutivas da Educação Física, porque não são curriculares, constituindo-se como uma oferta facultativa para os alunos e sem articulação (complementaridade) com os programas da EEFM”;

defendeu a “criação de um observatório (REDEF – Rede de Escolas para o Desenvolvimento da Educação Física) que permita retratar o estado da situação do desenvolvimento curricular em EF, nomeadamente no que respeita à implementação dos Programas e das Normas de Referência para o Sucesso em EF e à EEFM no 1.º Ciclo”;

propôs a implementação da “figura do professor especialista de Educação Física, para já, aproveitando o recurso ao quadro do agrupamento de escolas...”

Mais genericamente, de entre as conclusões e recomendações do congresso para todo o ensino básico e secundário, destaque-se a seguinte:

“Reconfigurar a distribuição da carga horária semanal da disciplina, no ensino básico e secundário, permitindo que os alunos usufruam, no mínimo, de três aulas semanais e em que os tempos de transição e preparação não afectem o tempo efectivo de aula, como preconizam as Orientações Metodológicas dos Programas Nacionais.” O que se pode resumir no *slogan*:
 “1000 aulas de Educação Física do 1.º ao 12.º ano
 Três vezes por semana!”

¹ Em Novembro de 2009, no Fórum Lisboa, sobre o tema “Educação, Saúde e Desporto: compromisso e desenvolvimento profissional em Educação Física”.

² Em colaboração com Maria Zélia Nunes, professora de Educação Física da Escola Secundária José Afonso, de Loures, e membro da Direcção do Conselho Nacional das Associações de Professores e Profissionais de Educação Física.

○ Recursos

na Net

Para além dos Programas Nacionais de Educação Física (disponíveis em www.dgicd.min-edu.pt), pode também encontrar-se informação sobre esta temática em diversos sítios, quer nacionais, quer internacionais.

Texto e recolha de **Helena Skapinakis**
Com a colaboração de **Zélia Nunes**

DOCUMENTOS ORIENTADORES

www.cnapef.pt

Sítio do Conselho Nacional das Associações de Professores e Profissionais de Educação Física (CNAPEF), que disponibiliza o Manifesto Mundial de Educação Física, lançado em 2000, as moções dos Congressos Nacionais de Educação Física, desde 1988, os Programas Nacionais dos ensinos básico e secundário e ligações para sítios de interesse.

www.spef.pt

Sítio da Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF), entidade que, desde 1983, representa, a nível nacional, a comunidade científica no âmbito da educação física e desporto.

www.unesco.pt/cgi-bin/educacao/docs/edu_docs.php

Página onde se encontra a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto, emanada da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, na sua 20.^a sessão, em 21 de Novembro de 1978.

www.eupea.com

Sítio da European Physical Education Association (EUPEA), organização que agrega associações de educação física de 32 países. Pretende promover e defender a educação física como uma área importante no sistema educativo e na formação dos jovens. Divulga variados documentos internacionais.

www.fiep.net

Fundada em 1923, a Fédération Internationale d'Éducation Physique (FIEP) reúne federações, ligas e uniões de vários países.

A partir de 1931, a FIEP começou a editar o *Boletim FIEP*, que nunca sofreu interrupções, inclusive durante a Segunda Guerra Mundial. Encontram-se disponíveis em português, francês, espanhol e inglês os números editados desde 2000 até à actualidade no seguinte endereço:

<http://www.fiepbulletin.net/index.asp>



REVISTAS

revistas.ulusofona.pt/index.php/gymnasium/inde

Gymnasium – Revista de Educação Física, Desporto e Saúde, publicada pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

www.fade.up.pt/rpcd

Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, publicada pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

www.efdeportes.com/

Revista *Educación Física y Deportes*, publicada na Argentina, com contributos de toda a América Latina, Portugal e Espanha.

PROPOSTAS DE ACTIVIDADES

www.bandesportive.com/colonne2.html

Sítio do Quebec (Canadá) que disponibiliza numerosos recursos, situações de aprendizagem e textos de reflexão. Os professores podem divulgar actividades desenvolvidas com os seus alunos e os jovens encontram aqui uma secção que lhes é reservada, onde podem discutir temas de actualidade relacionados com o desporto.

webarchive.nationalarchives.gov.uk/20101119131802/

<http://www.standards.dcsf.gov.uk>

Na página inicial deste sítio inglês, é possível aceder, através da área *Schemes of work*, a propostas de actividades de educação física (Physical Education – PE), organizadas por tema/faixa etária, onde se inclui a articulação dessas actividades com outras disciplinas.

OUTROS RECURSOS

Ginástica Animalástica

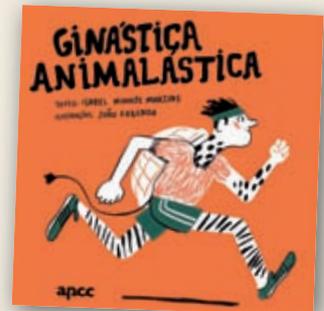
Isabel Minhós Martins

(texto)

João Fazenda (ilustração)

Associação para a Promoção Cultural da Criança (2010)

7,50€



“Se não queres que o teu corpo fique uma lástima... faz ginástica. Mexe-te como um animal.” É este o ponto de partida de *Ginástica Animalástica*, um livro dirigido especialmente a crianças do 1.º ciclo, que conta a história de uma girafa empreendedora, que montou um ginásio para alunos humanos com professores animais. É uma boa oportunidade para, utilizado em sala de aula, promover a articulação entre a leitura, o estudo do meio e a expressão físico-motora. Conjugando de forma apelativa o texto e a ilustração, poderá proporcionar bons momentos de aprendizagem.



Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes

Mediante pedido de consulta, esta entidade disponibiliza material de apoio existente no seu centro de documentação a professores que tenham nas suas turmas alunos com necessidades educativas especiais. No endereço <http://www.fpdd.org/main.php> pode encontrar os contactos da Federação (telefone, endereço e mail).

● No Picadeiro

O MUNDO NO DORSO DE UM CAVALO

À terça-feira a rotina é sempre a mesma para Paulo Moura, professor responsável pelo grupo de hipoterapia da Escola EB 2,3 Luís de Camões, em Constância: ir buscar os alunos às várias escolas do Agrupamento, trazê-los para o picadeiro, ajudá-los a limpar e aparelhar os cavalos, acompanhá-los durante a aula de equitação, desaparelhar e voltar a limpar. Rotina? Claro que não!

Texto de **Helena Skapinakis**
Fotografias de **Pedro Aperta**



“Vim atrás das minhas amigas e agora adoro estar aqui. Sinto-me bem a andar a cavalo, sinto-me livre. Mas também gosto de os limpar e de os aparelhar.”
MARIANA - EQUITAÇÃO

“Gosto de vir para os cavalos. Faço festinhas aos cavalos. Gosto da Sónia e do Batuca. São monitores.”
JOÃO - HIPOTERAPIA

“Eu vim para os cavalos porque adoro animais.”
FILIPE MARINHO - EQUITAÇÃO

Quando chegam ao Centro Hípico de Santa Bárbara, os alunos do grupo da hipoterapia espalham-se como formiguinhas apressadas e atarefadas. Nem a chuva que se sente, nem o chão enlameado os impedem de fazer o programa que está planeado para a tarde. Hoje é um dia muito esperado por todos.

O grupo é composto por seis alunos. Depois de uma triagem feita pela professora do ensino especial, foram propostos para esta actividade promovida pela escola e que decorre no Centro Hípico. A parceria com o Centro permite também, por outro lado, que a escola ofereça aos alunos interessados a opção de equitação, no âmbito do desporto escolar.

Logo no início da sessão, Paulo Moura, o professor responsável pelo grupo, salienta que este é também um espaço de educação, com regras e disciplina, onde os alunos podem desenvolver a concentração, enquanto vivem a aventura de andar em cima de um cavalo. O coronel António Camacho Soares, um dos responsáveis pelo Centro, acrescenta: “A equitação é o único desporto onde concorrem dois seres vivos, cada um com vontade própria, o que obriga o cavaleiro a pensar e a reagir rapidamente. Aqui desenvolve-se a autoconfiança, a capacidade de decisão e o raciocínio.”

As vantagens da hipoterapia resultam desta relação entre dois seres vivos, que interagem e estabelecem uma ligação. “Um cavalo não é uma bicicleta”, lembra o coronel. Todos os cuidados que o animal exige reforçam a criação de laços



afectivos e conferem à hipoterapia uma dimensão de prazer e descontração que são muito importantes. Nas sessões, pretende-se que o aluno usufrua do cavalo e de todas as actividades associadas à equitação para obter benefícios a nível físico, psicológico e cognitivo.

Com a ajuda de Ricardo e Sónia, os monitores do Centro, os jovens aparelham os cavalos. Antes de poderem montar, há rotinas para cumprir e que, aos poucos, vão dominando: é preciso limpar o cavalo, para lhe tirar o pêlo, pôr o arreio e a sela. No entanto, nem todas as tarefas são simples de desempenhar, tendo em conta a disparidade entre o tamanho do animal e o destes alunos, que ainda são crianças. Não é fácil, por exemplo, abrir a boca do cavalo para lhe colocar o bridão sem temer os seus enormes dentes. “Conseguir fazer isso é uma conquista!”, exclama Paulo Moura.

AS CONQUISTAS NO PICADEIRO

Como o dia está chuvoso, a sessão vai decorrer no picadeiro fechado. O Rúben e o Bruno são os primeiros a montar. “O Bruno chegou este ano e já deu um grande salto”, comenta o professor. E continua: “Trata o cavalo por tu e não tem medo de lhe pôr o bridão. Sente que aqui tem sucesso. O que pode haver de melhor para a auto-estima?” Paulo Moura partilha sempre com os professores do Bruno na escola as suas conquistas no picadeiro, fazendo um contraponto

“Gosto de cavalos e de montar. Faz bem à postura e é divertido.”

NÁDIA SANTOS - EQUITAÇÃO

“O meu cavalo é a Inca. Gosto de andar a trote e de fazer festinhas aos cavalos.”

RÚBEN - HIPOTERAPIA

“Estou reformado e costumo acompanhar o meu filho, porque gosto de ver. Ele está mais calmo desde que começou com os cavalos.”

JOSÉ, PAI DO RÚBEN

“Já ando aqui desde o 4.º ano e agora estou no 7.º. Também pratico basquete. Mas um é um desporto colectivo e a equitação é individual.”

RUI FERREIRA - EQUITAÇÃO

“Ganhei amigos aqui. Os cavalos também são meus amigos e gosto de lhes fazer festas. Posso cair do cavalo, mas se cair, levanto-me.”

RAQUEL - HIPOTERAPIA

“Na equitação estabelecemos ligações com animais de grande porte e superamos o medo, ficamos também mais ligados com a Natureza.”

DIOGO LEAL - EQUITAÇÃO

“Gosto de andar na Inca e de lhe fazer festinhas. Antes fazia equitação com fato normal. Mas juntei dinheiro no Natal e no Ano Novo e comprei as calças, as botas, as luvas e o capacete.”

EURICO - HIPOTERAPIA

“O Eurico nunca estava quieto. Anda cá há um ano e agora está mais sossegado. Gosta de falar dos cavalos.”

AVÔ DO EURICO



com o seu fraco desempenho escolar e contribuindo assim para que ele comece a ser visto com outros olhos.

Enquanto decorre a aula do Bruno e do Rúben, os outros esperam. Vão observando como se saem os colegas, adiantando trabalhos de casa, explorando o espaço. “Eles têm uma ligação afectiva com todas as pessoas do centro, com os cavalos, com os cães e até com a cabra que anda por aqui à solta!”, explica Paulo. Agora é a vez da Raquel e do Eurico. O professor olha para os dois jovens, enquanto comenta que a Raquel tem 60% de queimaduras no corpo, debatendo-se com grandes dificuldades a nível da mobilidade. Quando ela passa por ele, bem direita, não se contém e exclama: “Tem um equilíbrio fantástico em cima do cavalo!” Com efeito, esta actividade é benéfica para a jovem, uma vez que andar a passo reproduz os movimentos da marcha humana e esse paralelismo desenvolve o controle de movimentos e a consciência do espaço envolvente. Sorrindo, acrescenta: “A Raquel é muito calada. Em cima do cavalo, porém, fica entusiasmada e começa a falar. Ninguém a cala!”

Já o Eurico, que começou o ano passado, descobriu a paixão da sua vida, o que alterou radicalmente a forma como vive os dias da semana: agora a semana começa à terça-feira, que é o dia em que vem para o picadeiro; nos outros, conta o tempo que falta para regressar. Túlia Esteves, professora de Eurico, comenta estas mudanças entusiasmada: “Antes ele era muito agitado, mal conseguia estar sentado. Agora está muito mais calmo e concentrado. Mostra-se interessado pelas várias matérias e tornou-se mais organizado. O seu bom desempenho aqui deu-lhe o reforço positivo de que necessitava.”

Por sua vez, João, aluno com síndrome de Down, circula por ali com o à vontade de quem conhece o espaço. Paulo Moura esclarece que ele ainda não monta, mas tem uma grande proximidade com os cavalos. Confessa também que, por vezes, recorre a uma pequena chantagem para o levar a montar. O João gosta muito de comer e quando lhe dizem que “Não há feijoada!” se ele não montar, ele cede e monta. No entanto, precisa que alguém esteja sempre ao seu lado, agarrando-o, para se sentir em segurança em cima do cavalo. Na verdade, a actividade preferida do João é ficar ao lado do Ricardo e da Sónia, os

monitores, enquanto eles orientam a aula dos seus colegas. No meio do picadeiro, brandindo um chicote de equitação no ar, ajuda-os a dirigir os cavalos durante o treino.

NOVO DIA, NOVOS TREINOS

No dia seguinte, quarta-feira, esta rotina vai repetir-se. Desta vez com os alunos da equipa de equitação que também esperam ansiosamente a sua vez de estar no Centro Hípico.

A existência desta equipa é umas das apostas da escola a nível do desporto escolar. Cátia Mendes, coordenadora do clube de desporto escolar, esclarece: “A equitação é a modalidade que se pratica há mais tempo na escola. Tirámos partido do facto de termos recursos humanos – o Paulo – e materiais – o Centro de Santa Bárbara – para a prática deste desporto, que não é tão barato quanto isso. No âmbito do desporto escolar, introduzimos também os desportos gímnicos, para dar resposta aos desejos dos alunos, e a natação, para rentabilizar um espaço gratuito e próximo da escola.”

A aula da equipa de equitação será mais exigente, com um número maior de cavalos ao mesmo tempo no picadeiro e com os mais avançados a praticar a modalidade de obstáculos.

Alguns já levam os treinos muito a sério e estão interessados em participar em provas com um nível maior de exigência e competitividade. Federá-los é assim a resposta, para que eles possam participar no campeonato nacional de obstáculos. O coronel António Camacho Soares revela que tencionam federar dez alunos este ano e explica: “Federar aumenta a competitividade e a confiança e não é incompatível com o desempenho escolar.” E acrescenta ainda que os alunos que participam nas competições têm de se responsabilizar pelo treino e pelo tratamento do cavalo, sem esquecer as tarefas escolares; aprendem desta maneira a organizar o dia de forma a terem tempo para tudo.

O coronel António Camacho Soares conclui com orgulho: “Estes dez que tencionamos federar são o resultado de um ano de trabalho. Talvez no próximo ano seja possível federar mais vinte...” ::



PAULO MOURA EM DISCURSO DIRECTO

A minha ligação aos cavalos vem através do teatro. Faço parte de um grupo de teatro, Os Fatias de Cá, e há cerca de doze anos decidimos contar a história do Viriato, utilizando o castelo de Almourol. Mas precisávamos de usar cavalos, porque a sua grande invenção foi a utilização do cavalo lusitano como arma de guerra. Assim, tive de aprender a montar.

Por coincidência, fui nessa altura colocado na Escola E.B. 2,3/S de Alpiarça e eles preparavam-se, então, para avançar com a hipoterapia e a equitação ligadas ao desporto escolar. Eu participei no projecto, claro. A partir daí a minha ligação com as escolas envolve sempre cavalos.

Quando vim para esta escola, não havia nenhum projecto relacionado com cavalos. Mas havendo um centro hípico na zona, pensei: “Por que não se utiliza o centro hípico?” Fiz a proposta e até agora é uma aposta ganha, porque já conquistou muita gente.

Não preciso fazer publicidade da equitação junto dos meus alunos porque a modalidade vale por si. O corta-mato, por exemplo, é feito aqui, no centro hípico. Trazemos os que vão participar, fazemos a apresentação da equipa de equitação, do grupo de hipoterapia, e depois vão correr. Assim todos ficam a conhecer o espaço e o que oferece.

Mas temos também de estar atentos a outros recursos que esta região apresenta. Estou cá para aprender – eu e os miúdos.



QUEM CORRE POR GOSTO NÃO CANSA!

Texto de **Teresa Fonseca, Elsa de Barros e Helena Skapinakis**
Fotografias de **Pedro Aperta**



A equipa da Noesis andou à solta no encaço de práticas desportivas existentes nas escolas que funcionam como exemplos da concretização das orientações nacionais e internacionais nesta matéria.

A diversidade de modalidades aconselhada reflecte-se na escolha de três práticas desportivas, desenvolvidas em três escolas diferentes. Com características distintas, as modalidades documentadas na reportagem têm um objectivo comum: garantir a igualdade de acesso à diversidade de práticas desportivas a todos os alunos.

Ter o rio ao pé da escola é um privilégio do qual os alunos podem tirar partido, com a colaboração do clube naval local. Na Escola Básica 2,3 Soeiro Pereira Gomes, em Alhandra, a prática da vela e do windsurf, sob orientação de Bruno Bertolo e João Campina, é uma oportunidade de estar em contacto com a Natureza, experimentando modalidades às quais, dificilmente, muitos dos estudantes teriam acesso.

Uma engenhosa parceria entre uma empresa e a Escola João Gonçalves Zarco, em Algés, reverteu a favor dos alunos. Sob a supervisão de António Freitas, estes podem usufruir, durante o período lectivo, de campos próprios para a prática de ténis, que são utilizados, depois das aulas, em benefício da empresa.

O corfebol é um desporto colectivo orientado por Isabel Teixeira, professora na Escola Secundária de Pedro Alexandrino, na Póvoa de Santo Adrião. Envolve rapazes e raparigas, contribui para fomentar o espírito de equipa e prevenir quaisquer formas de discriminação, promovendo a integração social e a igualdade de género.

Há uma extensa lista de modalidades que poderiam ser escolhidas pelas escolas. No entanto, sejam quais forem as opções, a dimensão do prazer, associada ao respeito pelas preferências dos alunos, tem de estar sempre presente. Porque quem não tem gosto não corre!

A VELA NA ESCOLA EB 2,3 SOEIRO PEREIRA GOMES



Para praticar vela, não basta um pedaço de madeira, um pau e um lençol. Há que saber usar o equipamento para praticar vela em segurança e aprender a dominar a técnica, tirando o maior partido do vento e da corrente.

E porque os barcos são dispendiosos, há que dar também atenção à manutenção que estes exigem, pois a escola só dispõe de cinco *optimists*.



A oferta desta modalidade pela escola só foi possível com a colaboração da Secção de Vela do Alhandra Sporting Club, que disponibiliza as suas instalações e as pranchas de *windsurf* e o barco a motor para os professores darem apoio aos velejadores. O clube beneficia da divulgação da modalidade junto da população escolar. É aí que irá encontrar os seus futuros velejadores.



Com o vento de feição, sal na pele e os professores sempre por perto, os alunos exploram o rio que lhes é tão familiar.

Rentabilizam os recursos naturais da sua região, praticando um desporto que lhes deixa o gosto pela aventura.

O TÊNIS NA ESCOLA EB 2,3 JOÃO GONÇALVES ZARCO



Neste jogo, as indicações do professor são valiosas para os alunos aprenderem a dominar a técnica.

De raquete em punho, no meio dos alunos, o seu exemplo mostra-lhes como devem movimentar-se para obter uma resposta imediata e eficaz, no preciso momento em que têm de tomar uma decisão: em que direcção movimentar a raquete para ir ao encontro da bola?

Para acertar na bola, é preciso, primeiro, treinar muito e fazer vários exercícios que parecem fáceis, mas exigem concentração e coordenação. Assim, rapazes e raparigas esforçam-se por não deixar cair a bola, enquanto vão contando quantas vezes conseguem que esta bata na raquete sem cair ao chão. Com exercícios de iniciação como este, vão treinando a mão e a mente, para poderem, mais tarde, jogar a pares.



Fruto de um protocolo, a escola passou a dispor de campos, com relva artificial e redes como as que se vêem em jogos a sério, construídos pela empresa parceira. A escola assegura, por seu turno, o material necessário para que os alunos possam jogar: raquetes e bolas.

No final das actividades lectivas, a empresa utiliza esses mesmos campos para as suas actividades.

O CORFEBOL NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE PEDRO ALEXANDRINO

Nestes treinos do desporto escolar, fazem-se as aprendizagens básicas, não aprofundando técnicas muito avançadas, mais apropriadas ao grupo dos alunos já federados. Aqui, interessa sobretudo desenvolver o espírito de equipa e de *fair play*, criando as condições necessárias para que todos possam, simplesmente, jogar. Afinal quem é que não consegue passar a bola aos colegas e lançar para marcar cesto?



A inclusão é uma das traves mestras deste desporto. Qualquer aluno, seja iniciado ou federado, tem lugar na equipa.

As regras simples do corfebol, baseadas no respeito mútuo, permitem que rapazes e raparigas, juntos, possam praticar esta modalidade.

Aqui há regras a cumprir. Não há contacto físico. Não há progressão na posse de bola. A compleição física não é neste jogo uma vantagem sobre o adversário: rapazes bloqueiam rapazes e raparigas bloqueiam raparigas. Os papéis de quem ataca e de quem defende estão bem definidos e delimitados no campo. Em cada cinco minutos de treino, todos trocam de papéis: quem estava a atacar passa a defender e vice-versa.



MOVIMENTO DE *Reforma Educativa Global e Mudança Educativa Nacional*

Texto de Pasi Sahlberg*
Traduzido e adaptado por Helena Skapinakis
Ilustrações de João Fazenda



Para se prepararem para uma sociedade de conhecimento competitiva, as escolas e os alunos têm de competir menos. É este o profundo paradoxo evidenciado na comunicação que Pasi Sahlberg apresentou na Conferência da Rede Europeia de Conselhos Europeus (EUNEC), em Dezembro de 2010. Tenta aqui dar resposta à difícil pergunta: que devemos mudar nas escolas para contribuir para a competitividade económica?

Em 2000, o Mundo era muito diferente. A visão de um futuro melhor era estimulada pela esperança de que a globalização, com as novas tecnologias de informação e comunicação, e o crescimento económico estável pudessem beneficiar a maior parte da população mundial. Depois da agitação política e económica do início dos anos 90, os mercados financeiros passaram a ser vistos como um factor de crescimento. A América do Norte e a União Europeia – ainda com quinze Estados-membros – lideravam a economia mundial. Nem as mudanças climáticas, nem as economias emergentes da Ásia eram prioridades. Foi neste panorama económico e político que os líderes europeus criaram a visão de uma Europa como a economia baseada no conhecimento mais competitiva e dinâmica do Mundo, capaz de promover crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e maior coesão social. Era este o objectivo principal da Estratégia de Lisboa para a Educação e Formação, em 2010. Considerava-se que a melhor forma de atingir esse objectivo seria melhorar a qualidade, aumentar o acesso e abrir a educação ao Mundo através da mobilidade de estudantes e professores e de programas de intercâmbio que aumentassem a colaboração entre indivíduos e instituições para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento visando objectivos comuns. Mas o Programa de Trabalho da Estratégia de Lisboa era omissivo quanto ao papel da criatividade e da inovação no crescimento económico estável, ecologicamente sustentável, e não incluía muitas ideias inovadoras em relação aos sistemas educativos e às escolas. Sugeria-se, sim, que as políticas de educação nacionais se deveriam concentrar em diminuir a saída precoce do ensino secundário e em expandir o ensino superior, sobretudo nas áreas da matemática, ciências e tecnologias. Considerava-se que a expansão nestas áreas afectaria, conseqüentemente, a investigação e a inovação. Os indicadores seleccionados para monitorizar o progresso da Estratégia de Lisboa baseavam-se em dados quantitativos dos vários sistemas educativos. Os resultados dos alunos no PISA tornaram-se uma importante fonte de evidências, aumentando, assim, o valor político desta avaliação internacional. No entanto, as avaliações externas do desempenho dos alunos – internacionais ou nacionais – aferem normalmente a qualidade das escolas e dos sistemas educativos com base apenas nos resultados de testes às disciplinas chamadas nucleares. Na melhor das hipóteses, estes resultados representam uma avaliação parcial e extremamente redutora do complexo e subtil processo de educação para uma economia de conhecimento e uma sociedade democrática.

* Pasi Sahlberg é director-geral do Centre for International Mobility (CIMO) em Helsinquia; também é educador, investigador e activista pela melhoria da qualidade da escola. Pode consultar o artigo na íntegra em <http://www.pasisahlberg.com/downloads/EUNEC%20paper%20Pasi%202010.pdf>

EUROPA 2020

O prolongamento da Estratégia de Lisboa até 2020 foi delineado num novo cenário¹. Em primeiro lugar, a União Europeia com os seus actuais 27 Estados-membros – e possivelmente novos membros num futuro próximo – é muito diferente da Europa dos 15 de 2000. Existe, neste momento, uma maior variedade cultural, política e económica, que representa, simultaneamente, um risco e uma oportunidade para a Europa como região. Em segundo lugar, os mercados financeiros, que antes eram vistos como elementos de crescimento, tornaram-se factores de risco. A questão que se coloca é: como pode a Europa manter e reforçar a sua posição competitiva face às economias emergentes do Brasil, Rússia, Índia e China e consolidar ao mesmo tempo o seu protagonismo no desenvolvimento sustentável?

A Europa tem uma vantagem em relação aos seus rivais: uma população qualificada. A Estratégia de Lisboa fez progressos em muitas áreas-chave, que constituem um bom ponto de partida para esta nova fase². A consolidação de conhecimentos essenciais e competências-chave deve continuar a ser uma política importante. Mas “mais do mesmo” não será a solução sustentável. A matemática e as ciências são importantes, mas as ciências sociais, as artes e a música também. A tecnologia deve fazer parte do currículo, mas também o teatro, o empreendedorismo, a consciência ambiental e a ética.

Durante a próxima década, a educação nos vários países europeus partilha dois problemas que precisam de ser claramente enunciados e, depois, tratados na Estratégia de 2020. Em primeiro lugar, a maior parte dos sistemas educativos da Europa baseia-se numa estrutura que provém da era industrial. As escolas estão organizadas de forma semelhante: lições de 45 minutos, um currículo baseado em disciplinas, turmas com alunos da mesma faixa etária, um horário idêntico para todos, ensino/aprendizagem organizado por vezes em unidades modulares, cujo domínio determina o sucesso do aluno. Hoje em dia, esta organização já não é necessária.

O segundo problema, uma consequência natural do primeiro, é que poucos sistemas educativos da Europa dão a devida atenção

A estandardização é o pior inimigo da criatividade e da inovação.

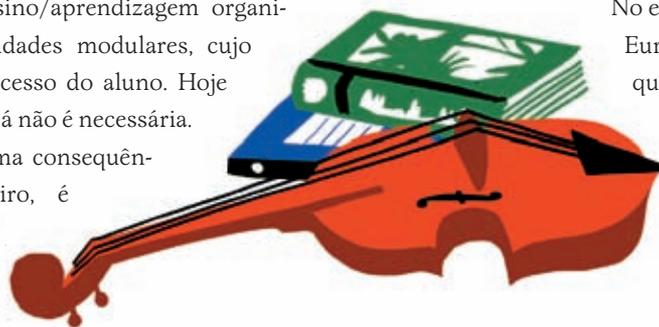
ao desenvolvimento dos talentos naturais de cada um e muitos alunos acabam por deixar a escola sem explorarem as suas potencialidades. As escolas foram e são concebidas para as massas.

Defendo que se deve, portanto, repensar a criatividade. É essencial que esta seja umas das prioridades nas reformas educativas para que a Europa se transforme, até 2020, na economia baseada no conhecimento mais avançada e ecologicamente sustentável. A criatividade não deve ser apenas desenvolvida nos currículos das artes, música ou teatro, mas sim fazer parte da cultura de escola e da aprendizagem ao longo da vida³. O desafio das escolas é descobrir o talento criativo de cada aluno e promover um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. No entanto, muitas reformas educativas estão a fazer exactamente o contrário. Ao procurarem metas mais elevadas e melhores desempenhos nos *rankings* internacionais, os sistemas educativos estão a tornar-se estandardizados e centrados nas chamadas disciplinas nucleares, em idênticos enquadramentos e competências-chave. A estandardização é o pior inimigo da criatividade e da inovação, porque limita o currículo e incentiva os professores a dirigir o seu ensino para os resultados dos testes.

Aprender conhecimentos básicos e desenvolver competências deve continuar a ser uma tarefa importante da escola; desenvolver um leque vasto de competências deve ser também o princípio orientador da aprendizagem ao longo da vida.

No entanto, a nova Estratégia 2020 da União Europeia deveria ir para além disto, para que o capital humano possa impulsionar a

competitividade económica e a sustentabilidade ecológica. De facto, ter ideias inovadoras ou descobrir processos e produtos novos deveria ter a mesma importância que a alfabetização teve anteriormente.



COMPETITIVIDADE ECONÓMICA E SUSTENTABILIDADE GLOBAL

Competitividade e sustentabilidade tornaram-se palavras em voga nos discursos sobre prosperidade e estratégias de desenvolvimento globais. Porém, a competitividade, um dos desafios que os países enfrentam, não é um conceito claro nem para decisores políticos, nem para profissionais de educação. Por vezes, refere-se a competitividade na educação como a eficácia e a eficiência globais dos sistemas de educação nacionais em relação aos de outros países⁴. Noutros casos, a educação para a competitividade implica um certo tipo de educação para aumentar a empregabilidade e a produtividade dos indivíduos em mercados nacionais ou globais. Neste texto, a educação é considerada como um dos principais impulsionadores do desenvolvimento de capital humano e, desse modo, da competitividade económica nacional. Significa melhor qualidade, acesso mais amplo e maior mobilidade dentro da educação. Mas também requer pensar-se que tipo de educação é necessário para desenvolver nos jovens as qualidades essenciais a uma sociedade de conhecimento sustentável. O outro desafio que os países enfrentam é a ameaça ecológica global. A competitividade económica passou a estar estreitamente relacionada com o desafio de preparar a próxima geração de alunos para lidar com as ameaças globais. Estas colocam em risco a sustentabilidade futura dos nossos sistemas económicos, políticos e sociais e dos sistemas ecológicos dos quais eles dependem.

O crescimento da população e o crescimento económico competitivo, com os seus respectivos impactos no ambiente, irão, assim, fornecer um contexto muito diferente para a Europa 2020. A urgência na situação é sintetizada da seguinte forma:

“A humanidade vai ser confrontada com mudanças enormes e imediatas nas próximas décadas, enquanto continua a tentar combater constrangimentos associados ao contínuo crescimento demográfico, ao uso excessivo de recursos e à deterioração ambiental... Mas há também caminhos radicalmente diferentes construídos à volta de soluções inovadoras baseadas no conhecimento.”⁵



COMPETITIVIDADE ECONÓMICA E EDUCAÇÃO

A educação para uma economia baseada no conhecimento tornou-se uma expressão em voga no discurso político sobre educação. No entanto, raramente foi transformada em estratégias concretas para professores ou em propostas de reforma para os sistemas educativos.

Considera-se geralmente que se aumenta a competitividade económica “equipando-se” os cidadãos com as competências e as atitudes necessárias para o seu sucesso social e económico⁶. Esta é a retórica de estratégias ou políticas que abordam a relação entre a competitividade económica e a educação. Mas no meio de reformas globais, é difícil responder à questão que muitos professores colocam: “Que devemos mudar nas escolas para contribuir para a competitividade económica e para o crescimento?”

**Que educação para uma
sociedade de conhecimento
sustentável?**

Neste artigo, identificam-se algumas condições essenciais para tornar o ensino compatível com as necessidades da economia de conhecimento: repensar a inovação e o conceito de conhecimento, centrar-se nas competências interpessoais e melhorar a vontade e a capacidade de aprender.

Nova concepção do conhecimento:

A educação formal tem sido criticada por ter uma concepção estática do conhecimento e da aprendizagem; tradicionalmente a formação do conhecimento tem sido considerada como um processo linear e cumulativo, livre de subjectividade e interpretações. Mas o conhecimento é hoje visto de forma diferente por disciplinas como a economia, a matemática, a neurociência, as ciências cognitivas ou as tecnologias da informação; constrói-se através de múltiplos processos, é relativista e diversificado nas suas interpretações. Esta mudança no paradigma do conhecimento trouxe um desafio para a educação. O ensino-aprendizagem não deve centrar-se apenas no domínio de conhecimentos básicos e em atingir metas de aprendizagem pré-definidas, mas também em encontrar perspectivas alternativas, novas formas de construir o conhecimento e de criar ideias com valor.

Melhor compreensão da inovação:

A inovação implica que se obtenha valor económico e social do conhecimento⁷, isto é, requer não apenas uma ideia, mas uma ideia que funcione. Logo, inovação e empreendedorismo estão directamente relacionados. A adaptação tecnológica e a inovação foram os principais impulsionadores do crescimento económico nos países desenvolvidos desde a II Guerra Mundial e são actualmente factores importantes em países em desenvolvimento⁸; modelos inovadores de criação de riqueza emergem hoje do mundo empresarial, ilustrando como a responsabilidade ambiental pode também ser rentável. Para contribuir para o desenvolvimento da inovação numa economia sustentável baseada no conhecimento, os sistemas educativos também precisam de políticas que encorajem a trabalhar com inovações e a aprender a partir delas.

Enfoque no capital social: Ter sucesso no trabalho e viver num mundo de riscos globais exige, hoje, diferentes conhecimentos e competências. O desempenho individual e as invenções de uma única pessoa foram substituídos pela inteligência colectiva, o conhecimento partilhado e a resolução de problemas em equipa. Curiosamente, as economias de sucesso e as comunidades muito criativas baseiam-se em alianças estratégicas e não na competição feroz por mercados e clientes. O desenvolvimento sustentável e a competitividade económica requerem um maior enfoque no desenvolvimento de competências interpessoais e do capital social ao longo dos vários ciclos do sistema educativo.

**“MOVIMENTO DE REFORMA EDUCATIVA GLOBAL”
VS. “POLÍTICAS NACIONAIS ALTERNATIVAS”**

A globalização unifica políticas de educação nacionais, integrando-as em tendências globais mais vastas. Na verdade, sendo os problemas e os desafios idênticos em vários sistemas educativos, também as soluções e as reformas educativas se estão a tornar cada vez mais semelhantes.

O desenvolvimento educacional centra-se, actualmente, menos nas reformas estruturais e mais na qualidade e relevância da educação⁹. Como resultado, tornaram-se prioritários nas reformas educativas o desenvolvimento do currículo, a avaliação dos alunos e professores, a integração das tecnologias de educação e comunicação no ensino-aprendizagem, a proficiência nas competências básicas, a literacia matemática e científica. Chamo a isto Movimento de Reforma Educativa Global¹⁰.

Este movimento pressupõe que:

- Os padrões de desempenho externos, que descrevem o que os professores devem ensinar e os alunos aprender, têm como consequência uma melhor aprendizagem para todos;
- A forma mais eficaz de melhorar o sistema educativo é trazendo inovações do exterior para a escola;
- A competição entre escolas, professores e alunos é a forma mais segura de promover a qualidade da educação.

É possível identificar, desde 1980, cinco pontos comuns nas reformas educativas globais, que foram aplicados para tentar melhorar a qualidade da educação, relativamente ao desempenho escolar dos alunos.

A Finlândia não adoptou nenhum destes pontos. Isto, claro, não implica que os sistemas educativos devam evitar utilizar padrões educativos ou que não devam centrar-se nas competências e nos conhecimentos básicos, ou na prestação de contas. Nem implica que estas ideias estejam completamente ausentes na Finlândia. Mas significa, talvez, que pode ser criado um bom sistema educativo com políticas alternativas àquelas encontradas e promovidas habitualmente pelas políticas de reformas educativas globais.

O seguinte quadro apresenta sumariamente a distinção entre Movimento de Reforma Educativa Global e políticas nacionais alternativas compatíveis com as necessidades de sociedades sustentáveis baseadas no conhecimento¹¹.

POLÍTICAS EDUCATIVAS E PRINCÍPIOS DAS REFORMAS	
Movimento de Reforma Educativa Global	Políticas nacionais alternativas
<p>Estandarização Estabelecem-se centralmente <i>standards</i> ou padrões de desempenho, claros e exigentes, para melhorar a qualidade e a equidade dos resultados dos alunos.</p> <p>Enfoque na literacia e na numeracia Consideram-se alvos principais das reformas educativas os conhecimentos básicos e as competências de leitura, escrita, matemática e ciências.</p> <p>Ensino para resultados pré-determinados Definem-se critérios para o sucesso a partir de metas de desempenho exigentes; minimizam-se os riscos, limita-se o ensino aos conteúdos e estratégias que beneficiam a obtenção de resultados pré-determinados.</p> <p>Reformas orientadas para o mercado Consideram-se fontes de mudança pedagógica inovações trazidas para a escola pelo mundo dos negócios através de legislação ou programas nacionais, que substituem frequentemente estratégias de melhoria desenvolvidas pela própria escola.</p> <p>Prestação de contas baseada em testes Assume-se que o desempenho das escolas e a melhoria do desempenho dos alunos estão intimamente relacionados com os processos de promoção, inspeção e, mesmo, de recompensa das escolas e dos professores. Os melhores normalmente são premiados, ao passo que escolas e indivíduos em dificuldades são punidos.</p>	<p>Personalização Constroem-se currículos a nível de escola a partir de um enquadramento nacional, claro e flexível. Encorajam-se soluções locais e individuais para alcançar objectivos nacionais, de forma a otimizar as condições de aprendizagem para todos.</p> <p>Perspectiva abrangente e criativa da aprendizagem Centra-se o ensino-aprendizagem em aprendizagens abrangentes, dando-se igual valor a todos os aspectos do desenvolvimento da personalidade, carácter moral e criatividade e à aquisição de conhecimento e competências.</p> <p>Assunção de riscos e criatividade Considera-se que os currículos definidos a nível de escola pelos próprios professores facilitam a descoberta de novas abordagens. Encoraja-se a assunção de riscos, a incerteza na liderança, no ensino e na aprendizagem.</p> <p>Experiência como fonte de inovações Assume-se que o ensino se apoia em valores pedagógicos tradicionais, tais como o papel profissional do professor e a relação com os alunos. Reconhecidas boas práticas são a principal fonte de inovação na escola.</p> <p>Confiança e responsabilidade partilhada Constrói-se gradualmente uma cultura de responsabilidade e confiança que valoriza o profissionalismo dos professores e dos directores na avaliação dos progressos da aprendizagem dos alunos. Direcionam-se os recursos e os apoios para escolas e alunos em risco.</p>



IMPLICAÇÕES NAS POLÍTICAS NACIONAIS

O ensino nas escolas é influenciado por duas correntes exteriores de mudança que são, frequentemente, mais contraditórias do que complementares. A primeira é o Movimento de Reforma Educativa Global, que centra a melhoria da educação em algumas disciplinas ditas básicas, em objectivos comuns para o ensino-aprendizagem, no conhecimento quantificável e mensurável e numa maior responsabilização, sobretudo das escolas, pelos resultados. A outra corrente é a crescente expectativa de que a escola deve fazer mais para ajudar as economias dos países a desenvolverem-se e a serem mais competitivas. No meio destas duas correntes de mudança, estão professores e alunos, que sentem que é difícil reagir a estas pressões contraditórias.

A competitividade económica requer a flexibilidade, a criatividade e a assunção de riscos:

- A flexibilidade não se refere apenas às oportunidades de educação e formação para todos, velhos e novos, mas também à flexibilidade no currículo, na organização do trabalho, no recurso a várias metodologias de ensino e na avaliação de resultados.
- Os professores, catalisadores da aprendizagem numa sociedade de conhecimento, devem ser incentivados a tornar as suas aulas espaços de aprendizagem criativa, onde se estimula a abertura a novas ideias e abordagens.
- Não pode haver criatividade nas escolas sem flexibilidade no sistema educativo e sem assunção de riscos: o risco de se experimentar uma nova ideia ou estratégia, o risco de estar preparado para falhar ou ficar mal quando se tenta uma coisa diferente, sem se levar os fracassos muito a peito e sendo capaz de receber *feedback* crítico de uma forma construtiva.

Conduzir o sistema educativo em direcção ao futuro exige uma maior coerência entre o ensino para uma economia de conhecimento e aquilo que as reformas educativas esperam de professores e alunos. Em alguns casos, contudo, o que se assume, implícita ou explicitamente, que as escolas devem fazer para melhorar o seu desempenho contradiz o que é necessário as escolas fazerem para apoiar a competitividade económica.

A competitividade económica requer:

- Um sistema educativo suficientemente flexível para ser capaz de reagir ao menor sinal e de produzir uma resposta coordenada e colaborativa.
- Ao nível de escola, uma gestão que permita outro tipo de organização, interdisciplinaridade e uma maior colaboração entre professores.
- Professores e alunos a trabalharem juntos num ambiente de aprendizagem seguro e estimulante, centrado em objectivos de aprendizagem mais gerais, que encoraje todos a participar e a utilizar abordagens alternativas para alcançar objectivos.

A assunção de riscos no ensino-aprendizagem é promovida em culturas cooperativas, de confiança mútua e *feedback* que reconhece os esforços dos alunos para aprender, tanto como os seus resultados.

CONCLUSÕES

Há uma grande tentação em muitos países de reproduzir reformas educativas implementadas noutros países. Contudo, o impacto efectivo destas reformas raramente é avaliado, porque os resultados mais importantes só são visíveis a longo prazo – um prazo demasiado longo para os decisores políticos. Por outro lado, embora seja comum definir-se um plano de desenvolvimento estratégico e disponibilizarem-se mecanismos de responsabilização e apoio para implementar esse mesmo plano, falta muitas vezes a capacidade para modificar as estratégias de inovação, moldando e reestruturando sempre que necessário intenções, ideias e acções.

No entanto, para que as reformas educativas tenham um impacto significativo na competitividade económica e no desenvolvimento sustentável, devem dirigir-se mais claramente a aspectos do ensino-aprendizagem que a investigação mais recente demonstrou estarem relacionados com mudanças educativas eficazes. Em geral, a cooperação, em vez da competição ou do isolamento, é princípio fundamental de progresso. A competitividade económica e o desenvolvimento sustentável podem, por isso, ser promovidos e encorajados estimulando a criatividade, a cooperação e a interacção em três níveis na educação: escola, professores e alunos.

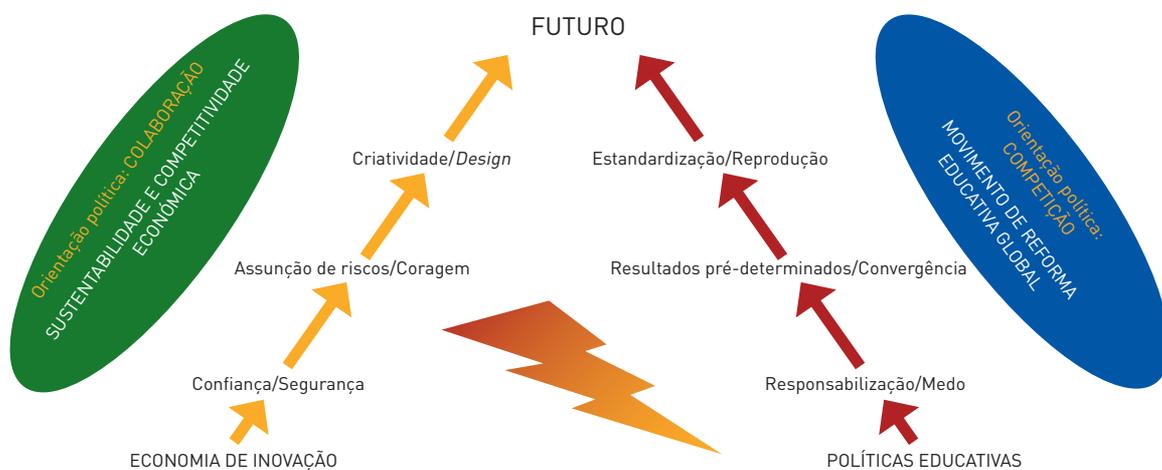
O seguinte quadro sintetiza as duas perspectivas abordadas neste artigo em relação ao futuro da educação na Europa.

Em conclusão, podem ser retiradas mais três ideias-chave da investigação realizada sobre a mudança na educação:

- Em primeiro lugar, já existem em quase todos os sistemas educativos as inovações e ideias necessárias para os melhorar. O desafio é encorajar as escolas a criarem parcerias e redes de troca de informação para a disseminação de boas práticas.
- Em segundo lugar, dever-se-ia ajudar os professores a trabalhar cooperativamente, combatendo o isolamento tão próprio da cultura de escola, porque aprender a ensinar não é fácil. Um ambiente seguro e solidário é uma condição necessária para o desenvolvimento profissional dos professores; reformas educativas que lhes proporcionem oportunidades e incentivos para colaborar mais entre si aumentarão a probabilidade de concretizar as mudanças pretendidas.

- Em terceiro lugar, tornar a aprendizagem aliciante e significativa para os alunos é um imperativo para o desenvolvimento sustentável e para a mudança nas escolas. A competitividade económica diz respeito, em primeiro lugar, à aprendizagem. Quando as pessoas e as sociedades têm graves dificuldades de aprendizagem, a previsão económica não será favorável. Se os alunos não aprenderem na escola a gostar de aprender, não vão considerar mais tarde a aprendizagem e a mudança atraentes.

As reformas educativas devem, por consequência, tornar as aprendizagens na escola interessantes para todos os alunos e ajudá-los a descobrir os seus talentos individuais, sem sacrificar outros objectivos importantes da educação.



¹ Gros, D. & Roth, F. (2008) The post-2010 Lisbon Process. The key role of education in employment and competitiveness, CEPS Working Document No. 308. Brussels: Centre for European Policy Studies.

² Commission of the European Communities (2008) Progress towards the Lisbon objectives in education and training: Indicators and benchmarks 2008, Commission staff working document. Brussels: European Commission.

³ Sahlberg, P. (2009) Creativity and innovation for lifelong learning. *Lifelong Learning in Europe Journal*, 14(1), 53-60.

⁴ Sahlberg, P. (2006) Education reform for raising economic competitiveness. *Journal of Educational Change*, 7(4), 259-287.

⁵ Steffen, W., Crutzen, P.J. & McNeill, J.R. (2007) The anthropocene: Are humans now overwhelming the great forces of nature? *Ambio*, 36(8), p. 620.

⁶ Hargreaves, A. (2003) *Teaching in the knowledge society. Education in the age of insecurity*. New York: Teachers College Press; Schweke, W. (2004) *Smart Money: Education and Economic Development*. Washington, DC: Economic Policy Institute.

⁷ Sahlberg, P. (2009) Creativity and innovation for lifelong learning, *Lifelong Learning in Europe Journal*, 14(1), 53-60.

⁸ Chen, D. & Dahlman, C. (2004) *Knowledge and Development: A Cross-section Review*. Policy Research Working Paper #3366. Washington, DC: World Bank.

⁹ Hargreaves, A. & Shirley, D. (2009) *The Fourth Way: The inspiring future for educational change*. New York: SAGE.

¹⁰ Sahlberg, P. (2011) *Finnish lessons. What can the world learn from educational change in Finland*. New York: Teachers College Press.

¹¹ Ibid.



Adivinhas da Ciência

Jorge Dias de Deus, Pedro Brogueira e Teresa Peña
Ciência Viva (2010)

Já pensou por que é que, existindo no Sol tantas explosões em forma de luz e som, nós vemos tão bem a luz e nunca ouvimos nenhum som?

Esta é uma das questões levantadas nas *Adivinhas da Ciência*, uma série de vinte vídeos sobre questões de ciência, em especial de física, que vai iniciar a sua exibição na RTP 2, no programa Zig Zag, a partir de 4 de Abril.

Cada filme, com pouco mais de um minuto, vai passar três vezes por dia (cerca das 8 horas, das 17.30 e das 20 horas). Caso não consiga ver em nenhum destes horários, poderá visioná-los no sítio (http://www.rtp.pt/wportal/sites/tv/adivinhas_da_ciencia/index.php). Os temas são extremamente diversificados, abordando questões muito simples (Porque flutua o gelo?) e outras um pouco mais complexas (O que é a ressonância magnética?). Questões que tratam do funcionamento de equipamentos do nosso quotidiano (Como é que o frigorífico faz frio?), como de outros bem mais distantes (Como funcionam as centrais nucleares?).

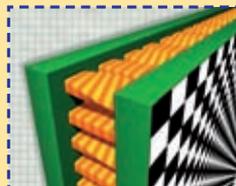
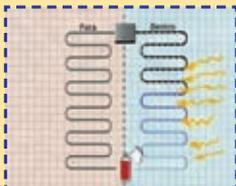
Cada vídeo começa por uma pergunta em forma de adivinha e acaba num comentário que abre para novas interrogações. Pelo meio é dada uma resposta, a que se segue um desenvolvimento necessariamente breve, mas focado nos princípios e processos fundamentais da ciência e permitindo a sua compreensão.

Estes programas podem ser vistos por pessoas de todas as idades, dos 8 aos 80 anos, mas destinam-se sobretudo aos jovens. O rigor das explicações desenvolvidas, aliado à estrutura aberta dos vídeos e à exploração científica, torna-os um bom recurso para o ensino na sala de aula, desde o segundo ciclo até ao secundário. O papel dos professores será fundamental para organizar e promover discussões e aprofundar os temas. Estes vídeos podem ter igualmente uma utilização muito eficaz na educação e formação de adultos, quer em contexto formal, quer informal.

As *Adivinhas da Ciência* são totalmente feitas em animação e recorrem a um humor subtil, intercalando esquemas que tentam clarificar conceitos muitas vezes complexos.

A equipa que elaborou este trabalho, com uma larga experiência de divulgação científica, conseguiu evitar as explicações exageradamente académicas, sem com isso perder rigor. Os vídeos procuram transmitir a ideia de que a ciência não é fechada, mas que vai sempre encontrando outras perguntas e, dessa forma, transmitem uma visão da ciência enquanto curiosidade continuada e sem fim. ::

RS



Livros



Manual de Primeiros Socorros – Situações de urgência nas escolas, jardins de infância e campos de férias

Isabel Reis

Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (2010)

12 €

Primeiro socorro é o tratamento inicial e temporário dado a acidentados e/ou vítimas de doença súbita, com o objectivo de prevenir, alertar ou socorrer, num esforço de preservar a vida, diminuir a incapacidade e minorar o sofrimento.

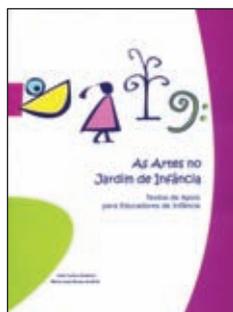
O primeiro socorro consiste, conforme a situação, na protecção de feridas, imobilização de fracturas, controlo de hemorragias externas, desobstrução das vias respiratórias e realização de manobras de suporte básico de vida. Não substitui, nem deve atrasar a activação dos serviços de emergência médica, mas, sim, impedir acções intempestivas, alertar e ajudar, evitando o agravamento do acidente. Com o *Manual de Primeiros Socorros – situações de urgência nas escolas, jardins de infância e campos de férias*, a Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, em parceria com instituições de referência, pretende facultar à escola, com rigor científico, de forma simples e ilustrada, os cuidados mais relevantes a ter em situações de emergência, das mais comuns às mais complexas que podem ocorrer no dia a dia, para que professores, pais e alunos estejam preparados até à chegada do auxílio médico. Nesta terceira edição revista, para além de se reforçar a importância de a escola dispor de um local próprio adequado à prestação de primeiros socorros e de se elencar o equipamento recomendado e respectivos procedimentos de limpeza e desinfectação, apresentam-se vinte e cinco situações de emergência – sinais e sintomas, o que deve fazer, o que não deve fazer –, com uma dinâmica de textos e ilustrações que possibilita uma consulta rápida, intuitiva e eficaz. ::

Este manual pode ser descarregado a partir de:

<http://sitio.dgicd.min-edu.pt/recursos/>

Isabel Baptista

Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular



As Artes no Jardim de infância – Textos de Apoio para Educadores de Infância

José Carlos Godinho e Maria José Nunes de Brito

Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (2010)

12 €

O livro *As Artes no Jardim de infância – Textos de Apoio para Educadores de Infância* é um instrumento muito útil e interessante para os educadores que desejam desenvolver um trabalho de aproximação às diversas artes e expressões. Reúne um vasto leque de informações sobre correntes artísticas, contextos culturais, obras e artistas num mesmo espaço, permitindo assim o acesso rápido e eficaz a factos, imagens e músicas (o livro inclui um CD onde se encontram as várias músicas dos diferentes autores referenciados). Além de uma informação geral, mas bastante completa, apresenta uma linguagem facilmente adaptável à criança, sem com isso se tornar infantil, como acontece na maior parte dos livros dirigidos a educadores.

Encontramos também diversas sugestões de desenvolvimento de actividades, que podem ser seguidas da forma como estão descritas ou servir de base ou inspiração para outras a planear pelo educador, adequando-as a si próprio, ao espaço e ao grupo. Todas as informações e actividades propostas contribuem para facilitar o acesso a experiências enriquecedoras que fomentam o gosto pelas artes e pelas expressões, mas também a cultura geral das crianças, sempre com recurso a práticas interessantes e de carácter lúdico. Trata-se de uma proposta de trabalho em que todos poderão estar envolvidos (adultos e crianças) e todos aprendem através da acção e da expressão.

De salientar também o espaço reservado à reflexão sobre as estratégias utilizadas, a recomendação de bibliografia e sites de interesse, o que permite que o conteúdo não se encerre no próprio livro, mas funcione também como um ponto de partida para novas informações, ideias e projectos. ::

Andrea Félix

Educadora de infância do C. S. Monsenhor Pires Quesado

Livros CD-Áudio



Aquele Nuvem e Outras: 22 canções para crianças

Fernando Lopes-Graça e Eugénio de Andrade

Casa da Música (2009)

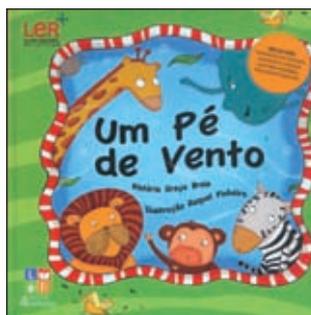
15 €

A Casa da Música editou, por ocasião do centenário do nascimento de Lopes-Graça, *Aquele Nuvem e Outras*, 22 canções para crianças sobre poemas de Eugénio de Andrade. A edição conta com ilustrações de Rogério Ribeiro e fac símeles das partituras originais. A acompanhá-los, um CD Áudio com interpretações de Beatriz Cunha (voz) e Jaime Mota (piano). Destes poemas disse Eugénio de Andrade tê-los escrito “[...] à medida que o Miguel ia crescendo diante dos meus olhos, e me ia pedindo uma história ou um poema. [...] parecia-me especialmente atraído pelas coisas da imaginação, e foi para o ver sorrir ou lhe dar prazer que inventei estas puerilidades [...]”. O mais curioso é que a palavra, com todos os seus sortilégios, parecia fasciná-lo, mesmo quando a não entendia. O que ele ignorava sabemo-lo nós de sobra: a simples matéria sonora [...] é fonte de sedução e razão de encantamento [...]”. Foi desta “matéria sonora”, nascida do amor paternal, que Lopes-Graça partiu para escrever, em 1987, um conjunto de melodias divertidas e simples que mantém toda a riqueza e sofisticação do universo musical do mestre, emprestando (outra) vida às maravilhosas personagens, bem fundadas na tradição oral, que Eugénio nos oferecera. Proporcionam por isso, a pais e professores, excelentes oportunidades de estimulação do desenvolvimento musical e linguístico e de contacto com a nossa cultura. O compositor usou um registo vocal médio e pouco extenso, confortável para o cantor comum. Terá mesmo exigido que a obra fosse estreada por uma cantora sem treino lírico, como (deduzo eu) uma vulgar mãe a cantar para o filho. Esta é, pois, uma obra para ser cantada às crianças. Com mais ou menos rigor técnico, mas sempre com o amor com que as mães cantam, para rir e se deliciar a brincar com os sons e as palavras. ::

Abel Arez

Escola Superior de Educação de Lisboa

Livro DVD



Um Pé de Vento

Graça Breia (texto) e Raquel Pinheiro (ilustração)

CERCICA, Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais (2010)

16 €

“O Senhor Vento queria organizar uma festa. Uma festa que ficasse na memória de todos. Sabia que não ia ser fácil surpreendê-los...” Para o conseguir, o Senhor Vento vai lançar “um pé-de-vento” que faz o leão vestir a pele do leopardo, o papagaio, a da aranha, e o macaco, a da zebra, no meio de danças e risos!

A história pode ser lida no seu sentido literal ou também num sentido figurado. “Vestir a pele do outro” é uma longa, difícil e bem necessária aprendizagem. Uma ótima ideia que talvez a história pudesse explorar mais. Decerto que os professores o poderão fazer com interesse e proveito dos miúdos. Para além desta dimensão de aprendizagem social, uma outra dimensão a trabalhar é a linguística. Expressões como “pé-de-vento” e “vestir a pele de” prestam-se a trabalhar a consciência metalinguística. E o vocabulário relativo ao vento (desde a “brisa” à “rabanada”, à “rajada” ou ao “pé-de-vento”) decerto se enriquecerá e estimulará outros desenvolvimentos. Trata-se do quarto livro da colecção 4 Leituras que, acompanhado do respectivo DVD, visa uma “leitura para todos”. E, de facto, como nos anteriores títulos da mesma colecção, a história apresenta-se impressa em livro, em símbolos pictográficos para a comunicação, em língua gestual portuguesa (e que expressiva intérprete é Ana Silva!) e em Braille, num esforço bem concebido e tecnicamente bem realizado, sob supervisão científica de Filomena Pereira, do Ministério da Educação (DGIDC).

O DVD contém ainda uma parte informativa intitulada “Queremos um ambiente saudável” com informações várias de educação ambiental e uma surpresa que consiste num jogo em que a criança é convidada a colocar diferentes tipos de lixo nos respectivos ecopontos. ::

Me

Sítios



Cremilde

<http://cremilde.cm-portel.pt/index.htm>

Cremilde é o nome de um autocarro, disponibilizado pelo município de Portel, que transporta educação, cultura e lazer a toda a população do concelho, escolar e não escolar. Com duas áreas distintas, uma de multimédia e outra de dinâmicas, o veículo está equipado com computadores com ligação à Internet, televisão, telas de projecção, bancadas de trabalho e ainda com materiais didácticos e pedagógicos. Contam-se entre estes jogos, livros, CDs, DVDs, revistas, jornais, *software* didáctico e maletas pedagógicas.

Especialmente destinado às escolas, o projecto "Rondas" está estruturado segundo uma calendarização previamente divulgada, de acordo com a qual transporta actividades para os jardins-de-infância e os estabelecimentos de ensino do 1.º ciclo. Apostando essencialmente nas áreas das ciências, matemática e tecnologias da informação e comunicação (TIC), a Cremilde elegeu três temáticas para o ano lectivo de 2010/2011: O Sentido da Vida, para o 1.º período; Cidadania com Ciência, para o 2.º período; e Mitos e Lendas, para o 3.º período.

Este equipamento promove igualmente actividades desportivas *outdoor*, com as vertentes Água e Montado, a realizar de acordo com a paisagem da região. Desta forma, proporciona à comunidade local actividades náuticas e de aventura na Natureza, às quais dificilmente a população teria acesso. As actividades de dinamização das aldeias, que abrangem ateliês nas áreas da ciência divertida, cozinha pedagógica, reciclagem de materiais, escultura, pintura, azulejaria, artesanato, fotografia e música, são outras das possibilidades existentes.

Destas e de outras actividades é dado conta na página electrónica da Cremilde, que divulga recursos pedagógicos, como protocolos de ciência, *kits* pedagógicos e cadernos informativos sobre cada uma das rondas temáticas. ::

EB



Sítio República das Crianças

<http://criancas.centenariorepublica.pt>

Como era ser criança há 100 anos? É esta a viagem no tempo que pode propor aos seus alunos para descobrirem como era a vida dos meninos da sua idade no tempo da I República. Para servir de guia a esta viagem, pode contar com o sítio *web* República das Crianças, lançado pela Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, que dá a conhecer diversos aspectos da vida quotidiana das crianças no século passado.

Dividido em itens temáticos 'clicáveis', este sítio permite uma pesquisa fácil e intuitiva sobre as diferentes vertentes abordadas. "Aprender" é um desses itens, onde podem ser folheados manuais escolares e observadas fotografias de alunos em escolas da época. Mas como nem só de aprendizagem se faz a vida de uma criança, a página ajuda a descobrir quais os brinquedos e as brincadeiras da preferência dos mais novos. Na entrada "História", é possível contemplar imagens dos jogos em voga, como o pião e os jogos de roda. Os brinquedos mais populares, como as bonecas, os carros, os comboios, os barcos e os veículos da revolução industrial são outras das curiosidades reveladas.

Como a ideia não é só mostrar, mas também dar "dicas" para fazer, o sítio ensina a realizar experiências científicas divulgadas em periódicos da época e a construir brinquedos tradicionais. Descobrir a resposta para adivinhas, entoar lengalengas, ler contos infantis e seguir as aventuras dos famosos heróis da banda desenhada "Quim e Manecas" são outras das propostas apresentadas. Visualizar filmes e ouvir canções da época contam-se entre os atractivos desta página, que incluiu, ainda, uma entrada destinada aos direitos das crianças, onde pode ser consultada a legislação de protecção à infância aprovada pouco tempo depois da implantação da República. ::

EB



Ver, fazer e aprender

Texto de Teresa Fonseca
Fotografia de Pedro Aperta

São 13.30. Está na hora de começar a visita à exposição "Sexo... e então?!". A azáfama é enorme junto à entrada do Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva, em Lisboa. As escolas vão chegando... É agora a vez da Escola EB 2,3 com Secundário Manuel Fernandes, de Abrantes, com os seus alunos do 6.º ano de escolaridade.



"Sexo... e então?!"
pode ser visitada até 28 de Agosto de 2011.
Para mais informações consultar:

http://www.pavconhecimento.pt/accao_edu/prog_sex0.asp
http://www.pavconhecimento.pt/informacao_util/

O Pavilhão de Conhecimento – Ciência Viva, situado no Parque das Nações, em Lisboa, tem-nos surpreendido, ao longo dos anos, pela variedade e riqueza da oferta com que apresenta o seu público. As exposições, permanentes ou temporárias, com actividades constituídas por módulos interactivos, permitem explorar de forma lúdica uma grande panóplia de temas.

Das exposições temporárias pode-se dizer que, nestes 11 anos de actividade, já passaram por este espaço mais de duas dezenas de temas. E quando se podia pensar que já nada de surpreendente aconteceria, afinal aconteceu! Surge a exposição “Sexo... e então?!” Trata-se de uma exposição sobre sexualidade e amor, recomendada para a faixa etária dos 9 aos 14 anos, e que interessará certamente a pais, professores e educadores.

Com uma perspectiva humorística e irreverente do amor e da sexualidade, a concepção desta exposição coube ao centro de ciência Cité des Sciences et de l’Industrie, de Paris. Contou com o apoio de especialistas em educação sexual para a infância e adolescência e com a colaboração directa de famílias, alunos e professores.

Esta é uma exposição que permite aos adolescentes descobrirem aquela resposta a uma dúvida por que tanto ansiavam e ficarem com uma percepção positiva do amor e da sexualidade, enquanto relação verdadeira.

Na perspectiva da equipa educativa do Pavilhão do Conhecimento, o professor é quem melhor conhece os alunos para os integrar na visita e para lhe dar continuidade, convidando-o por isso a visitar gratuitamente a exposição para melhor preparar a sua visita.

Os alunos dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico podem realizar a actividade pedagógica “Sexo... e então?!” para aprofundar e debater alguns dos temas abordados na exposição.

SEXO... E ENTÃO?! GRANDE AVENTURA EM SEIS ETAPAS...



Ordem de partida para os alunos do 6.º ano de escolaridade da Escola EB 2,3 com Secundário Manuel Fernandes, de Abrantes! Arranca o grupo de Ana Gonçalves, professora de Formação Cívica, constituído por nove alunos: cinco raparigas (Ana, Beatriz, Carolina, Dora e Eduarda) e quatro rapazes (Bruno, Guilherme, João Azevedo e João Silva). Logo a seguir, Catarina Figueira, do Departamento Educativo do Pavilhão do Conhecimento, conversa com eles, explicando-lhes que os protagonistas desta exposição são dois personagens da banda desenhada francesa, Titeuf e Nádía, que, com os seus amigos, dão corpo a uma história que vai ser contada em várias etapas. Começa então a grande aventura.

1. Estar apaixonado

O que é o amor? O que é isso de hormonas e qual a sua importância no amor? Como se dá um beijo apaixonado? Como se faz uma declaração de amor? Estas e outras questões conduzem os alunos, nesta primeira etapa, através de um percurso organizado em diferentes zonas:

No escurinho do cinema; Não me cheiral!; O amor é cego!; Estar nas nuvens; Bem-me-quer, mal-me-quer; Galeria dos beijos; Máquina das declarações e Apaixonómetro. Na primeira paragem, No escurinho do cinema, os alunos ensaiam diversos gestos: o João Silva dá beijos à Nádía, enquanto a Ana recebe flores do Titeuf. Com um crescente entusiasmo, mudam para a cama em forma de coração, onde se deitam e vêem cenas de filmes românticos. Vibram com os melhores beijos e as cenas de casamento, riem com situações cómicas.

Continuam a viagem e param junto do Bem-me-quer, mal-me-quer, onde o Guilherme tenta descobrir se a Dora gosta dele. Ansioso, diz: “Isto nunca mais pára!” Quando pára, a resposta é positiva e a Dora, a rir, exclama: “Não é verdade! Não gosto!”

A Galeria dos beijos prende a atenção dos alunos. Como se dá um beijo é a grande questão. Eles observam, põem dúvidas e, por fim,



1



timidamente, ensaiam, fazendo que os dois modelos dêem o tal beijo apaixonado. Ana Gonçalves, a professora, chama a sua atenção para os textos explicativos sobre o que acontece quando se dá um beijo apaixonado. Lembra-lhes que, para aprenderem mais, devem estar atentos aos diversos textos afixados ao longo da exposição.

João Gaspar, monitor da exposição, propõe-lhes então que vejam um vídeo sobre temas delicados para as quais nunca é demais alertar.

De joelhos, vêem o vídeo que aborda a pedofilia, os perigos da Internet e outras questões. No final, João Gaspar questiona-os: "O que aprenderam?" Em uníssono respondem: "Muitas coisas."

É a vez de, junto do Apaixonómetro, cada um mostrar a força da sua paixão, abraçando o grande coração vermelho. Quando chega a vez de a Eduarda experimentar, todos comentam em coro:

"A paixão está ao rubro!"

Para os mais tímidos, os menos experimentados nestas coisas do amor, há a Máquina das declarações. Que ajuda preciosa ela pode dar, ao apresentar modelos de declarações para todos os gostos! O Bruno escolhe o poema fixe para dedicar à Beatriz e comenta: "Isto é giro!" Ana diz: "Eu cá não gosto de ninguém!" Faz então uma declaração em "língua fixe" à amiga Sofia. Carolina decide-se por uma declaração em prosa e sem hesitar escreve "Francisco".

2. A puberdade

O que é a puberdade? Que mudanças corporais ocorrem nas raparigas e nos rapazes nesta fase? As mudanças só acontecem por fora ou também se dão por dentro? Mais uma série de questões que aguçam a curiosidade dos alunos que, orientados por Ana Gonçalves, vão explorando diferentes actividades. Constatam, em poucos minutos, a evolução do corpo das raparigas e dos rapazes, incluindo a mudança de voz responsável pelas fífias que tanto preocupam os rapazes nesta fase, etc.

Começam por observar as transformações corporais das raparigas. Elas riem, enquanto eles nada dizem! Agora é a vez dos rapazes. O Guilherme, espantado, faz: "Ugh!" Já as raparigas, muito sérias, olham de boca aberta. Depois, seguem em silêncio, conscientes das importantes mudanças que, a cada momento, ocorrem no seu corpo e na sua mente.



Quando se aproximam do Karaoke no duche, são os rapazes os protagonistas: trata-se da mudança de voz! Experimentam tudo de forma divertida e vão-se entusiasmando cada vez mais! Cantar no banho, que delícia!



3. Fazer sexo

O que é uma relação sexual? Para que servem os preservativos? Como se põem? O que não se deve fazer numa relação sexual? Estas e outras questões são orientadoras do manancial de informação disponível nesta etapa da exposição.

Acompanhados do monitor da exposição, os alunos dirigem-se para este espaço que João Gaspar apelida de jardim secreto, o espaço do amor e da sexualidade, um espaço íntimo como o é o acto sexual. Ao entrarem, deparam-se com um mural em banda desenhada, onde o Titeuf fala com os seus amigos sobre o que é uma relação sexual, com base naquilo que o irmão mais velho lhe explicou. Os alunos, divertidos, lêem a banda desenhada.

E agora os preservativos? Para que servem? Como se põem? Reunidos à volta de uma campânula cheia de preservativos de variadas cores, todos ouvem atentamente João Gaspar falar sobre a necessidade de protecção nas relações sexuais.

Chegam então ao *placard* “O que não se deve fazer!” e a professora realça a importância de se apropriarem das principais regras de bom senso numa relação a dois. Ana Gonçalves acrescenta ainda: “Não podemos obrigar ninguém a gostar de nós ou a fazer o que não quer.”
Os alunos, já cansados de tanta actividade, avançam para a etapa seguinte.

4. Fazer um bebé

O que é fazer um bebé? Como se dá a fecundação? O que faz mal e bem ao bebé durante a gravidez? Os alunos encontram as respostas a estas e outras perguntas na escola do Titeuf e da Nádia, onde é abordada a concepção de um bebé, desde a fecundação ao nascimento.



Ou porque já estão cansados, ou porque este tema já lhes é familiar, o entusiasmo não é tão grande. Experimentam o módulo sobre a alimentação das grávidas e vêem a reacção do bebé na barriga da mãe a várias situações: vêem que o tabaco ou o álcool lhe fazem mal e que as verduras e os lacticínios lhe fazem bem. A fecundação é encarada como um jogo em que se lançam pequenas bolas – os espermatozóides –

para uma grande bola – o óvulo. Ganha quem introduzir a bolinha, isto é, o espermatozóide, no óvulo. O João Azevedo conseguiu. Os colegas comentam: “Bingo! Sucesso do espermatozóide!”

5. Abre a pestana

O que fazer se alguém nos toca de uma forma de que não gostamos? E se nos pedem uma fotografia, a morada, o telefone através da Internet? Aqui, nesta etapa da exposição, abordam-se questões de extrema importância. Assim, através de desenhos animados, os alunos são alertados para situações de abuso sexual e para os perigos da Internet. A professora chama a atenção para situações deste tipo: “Cuidado! Não confundam comportamentos que não acham normais com gestos de afecto absolutamente normais.”



6. Proibido a adultos

Será que o meu pénis é demasiado pequeno? O período dói? O que é a homossexualidade? Qual a diferença entre sexo e amor? Os alunos entram, nesta altura, num espaço proibido a adultos, para ficarem mais à vontade na procura de respostas a questões que possam ser mais íntimas e embaraçosas de colocar junto dos adultos.

Ao mesmo tempo, cá fora, Ana Gonçalves consulta *dossiers* com a informação que os seus alunos estão a receber lá dentro e aproveita para afirmar: “Acho que foi importante os alunos virem ver a exposição. A linguagem é adequada, as imagens chegam a todo o tipo de público, qualquer que seja a idade, e são correctas cientificamente.” Rematando, acrescenta: “O grupo gostou.

É óptimo para eles quebrar a vergonha de tratar destes assuntos.

Sentiram-se à vontade para experimentar, ou não, ler, trocar impressões ou calar-se.” ::



O *cartoon* e a caricatura

Texto e imagem do *cartoonista* António

No período de grande influência cultural da França e da língua francesa o termo caricatura impôs-se, referindo-se a todo e qualquer desenho humorístico. Com o advento da hegemonia anglo-saxónica aparece o termo *cartoon*. Com os dois termos, caricatura e *cartoon*, a circular, os fóruns especializados – festivais, exposições, publicações, estudos, etc. – sentiram necessidade de especializar mais as definições. Assim, o termo caricatura é hoje (quase) universalmente aceite no sentido estrito, isto é, como retrato humorístico, e o termo *cartoon* é usado quando se trata da representação de situações.

Questionar as contradições da realidade é o principal objectivo do *cartoon*, trazendo a lume questões sérias a sorrir. Trata-se de uma sátira à vida, que elege como seu principal alvo os actores políticos e sociais, procurando, por vezes, alertar os leitores para os desequilíbrios e injustiças da actualidade.

O *cartoon* reporta situações do quotidiano e/ou questões políticas e sociais de forma humorística, podendo incorporar na sua composição uma ou mais caricaturas.

A caricatura é uma distorção da anatomia sem, contudo, descaracterizar o caricaturado, acentuando, pelo contrário, os seus traços distintivos, ampliando o grotesco. Ao caricaturista não basta ser desenhador, tem de ser investigador e procurar conhecer melhor o caricaturado: os seus tiques, atitudes, gestos pessoais. A caricatura deve exprimir para além dos aspectos físicos, os aspectos psicológicos.

Para compreender um *cartoon* é fundamental conhecer o contexto, isto é, o facto que lhe deu origem. Tal como uma notícia, o *cartoon* tem vida curta, perdendo rapidamente a actualidade. Só acontecimentos que, pela sua importância, perdurem na memória mantêm o *cartoon* intemporal.

Em Portugal, é a partir do século XIX, com o desenvolvimento da imprensa escrita, que surge o *cartoon* como forma de criticar as injustiças sociais e os vários poderes instituídos. Nesta época os artistas eram quase todos artesãos que ilustravam grosseiramente uma legenda ou um texto satírico. O *cartoon* de teor político surge nos períodos da ditadura como resposta à repressão, ao despotismo, sendo na maior parte das vezes anónimo ou assinado com pseudónimo.

Na passagem do século XIX para o século XX, ainda no regime monárquico, o desenho humorístico teve grande desenvolvimento, contando com autores como Rafael Bordalo Pinheiro, criador da celebre figura do Zé Povinho. Com a censura imposta pelo regime ditatorial, o *cartoon* quase deixou de existir. Após o 25 de Abril, com o ressurgimento da liberdade de expressão, deu-se uma verdadeira explosão desta forma de comunicação.



O *cartoon* representado na imagem foi publicado em 2005, aquando das candidaturas às eleições presidenciais de 2006. O seu título é “Retorno ao futuro”.

1. Mostre esta imagem aos alunos e coloque-lhes as seguintes questões:

- Qual a personagem representada na imagem?
- Que elementos da fisionomia estão distorcidos?
- Que características de personalidade são associadas à personagem?
- Há algum elemento da imagem que remeta para a situação representada?
- Trata-se de um *cartoon*, de uma caricatura ou de ambos?

2. Proponha aos alunos que façam uma pesquisa para:

- Fundamentarem a atribuição do título.
- Recolherem uma caricatura e um *cartoon* (ex: José Saramago, José Mourinho, Manuela Ferreira Leite, etc.) estabelecendo a distinção entre estas duas formas de desenho humorístico.

3. Organize um debate sobre o papel do *cartoon* e da caricatura numa democracia.

Não deixe de ler o próximo número!



Tema do dossier:
Educação para a Cidadania
(n.º 85, 2011)

Se tiver sugestões de temas a abordar ou conhecer práticas de escolas que considere importante divulgar, envie-nos para o mail: revistanoesis@sg.min-edu.pt

Quer ser assinante da revista Noesis?

Utilize o seguinte endereço electrónico: <http://area.dgisd.min-edu.pt/noesis/procura.aspx>
(Na opção 'Tema' escolha: Publicações Periódicas/Revista Noesis. Em 'Título' escreva: Assinatura (1/2 anos) ou escolha os números que deseja adquirir.)

ou

Fotocopie, preencha o cupão e envie para:
Espaço Noesis – Av. 24 de Julho, 140 C
1399-025 Lisboa

noesis Assinatura da Revista Noesis Trimestral	1 Ano 10,00 €	A partir do n.º _____
	2 Anos 19,00 €	
	Nome: _____	
	Morada: _____	
	Localidade: _____ Código Postal: _____	
	Telefone/telemóvel: _____	
	E-mail: _____	
	Contribuinte n.º _____	
	Cheque n.º _____ Banco _____ (passado à ordem do Instituto de Gestão e Tesouraria e do Crédito Público, IP)	
	Data: _____ Assinatura: _____	

Transferência bancária para o NIB: 0781 0112 01120011289 32
(enviar o comprovativo para: espaconoesis@dgisd.min-edu.pt)